



LÍMIA

Revista mensal
ilustrada de letras,
ciencias e artes

Antonio Carneiro
1912

N.os 7-8 — Série 2.a — Abril-Maio de 1912. — Director, João da Rocha. — Redactores, João Páris e Claudio Basto. — Secretário e editor, Alberto Meira. — Redacção e administração, Praça de Serpa Pinto, 26, Viana-do-Castelo. — Composição e impressão na Tipografia Modêlo, rua dos Manjovos, Viana. — Propriedade da empresa da *Límia*.

América

Revista norte-americana em espanhol, magnificamente ilustrada, científica, industrial, agrícola e commercial.

PUBLICA-SE MENSALMENTE

Assinatura anual: 2\$250 réis.

REPRESENTANTE EM PORTUGAL

Vitor M. Martins Júnior

Rua do Bonjardim, 566 - PORTO

LÍMIA

Revista mensal ilustrada de letras, ciências e artes

VIANA-DO-CASTELO—(Portugal)



Sumário dos n.ºs 7 e 8:

- I—*Sobrevivências pitorescas de uma arquitectura arcaica*, (com 4 gravuras), pelo dr. Félix Alves Pereira.
- II—*Por ela*, soneto do dr. Nunes Claro.
- III—*Culto de Quimeras*, pelo dr. Jaime de Magalhães Lima.
- IV—*Ciência das linhas*, desenho do dr. Luís Felipe.
- V—*A Víbora*, poesia do dr. Queiroz Ribeiro.
- VI—*Paisagem*, aguarela de José de Brito.
- VII—*Notas filológicas*, pelo dr. J. Leite de Vasconcelos.
- VIII—*Ortografia portuguesa*, por A. R. Gonçalves Viana.
- IX—*Inspiração Divina*, poesia de Xavier da Cunha.
- X—*NECROLOGIA*:
Fialho de Almeida, (com 2 gravuras), por João da Rocha.
Augusto Fuschini, (com 2 gravuras), pelo dr. Luís de Figueiredo da Guerra.
- XI—*A Seleção natural e a luta pela vida*, por W. Garcia, do Rio-de-Janeiro.
- XII—Desenho de J. Salgado.
- XIII—*A Felicidade*, poesia do dr. Campos Monteiro.
- XIV—*Maria Julieta*, por Cláudio Basto.
- XV—*O último enviado*, (com 3 gravuras), por Emanuel Ribeiro.
- XVI—*LIVROS*: (*Doida de Amor*, por Antero de Figueiredo; *O Auto das quatro estações*, por António Correia de Oliveira; *Canções do Vento e do Sol*, por Afonso Lopes Vieira), por João da Rocha.
- XVII—Desenho de Cristiano Cruz.
- XVIII—*BIBLIOGRAFIA*.
- XIX—*VÁRIA*: «*Ridiculezas*»; *A Mistrã*; *Quadras do povo*; por C. B.
- *
- Capa de António Carneiro.
Vinhetas de Cristiano de Carvalho.
Gravuras das oficinas de Cristiano de Carvalho.
- *
- PREÇO DESTA OPUSCULO, AVULSO,
160 RÉIS.

TODA A COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Os escritos e os desenhos publicados são de absoluta responsabilidade dos seus autores, a quem é dada a máxima liberdade de pensamento, — ficando, por isso, a revista franqueada a discussão.

Será respeitada a ortografia dos colaboradores que no-lo recomendem

Não é permitida a reprodução das gravuras e dos artigos insertos na "Límia", sem prévia autorização

Pede-se o envio das publicações que façam qualquer referência a esta revista

PREÇOS DA 2.ª SÉRIE

Assinatura — (seis meses) — Pagamento adiantado

Portugal e colónias — 400 réis
Brasil (assinatura directa) — 2.500 réis (m. bras.)
Outros países da América do Sul — 5 ps.
Espanha — 3 ps.
França — 4 fr.
Nos restantes países — 5. fr.

Número avulso, em Portugal — 80 réis

PREÇOS DA 1.ª SÉRIE

A primeira série custa 1.000 réis. Para os assinantes da segunda série custa 500 réis.

NÚMERO AVULSO DA 1.ª SÉRIE 100 RÉIS

Para fora, os preços variam nas proporções da tabela acima publicada.

Dirigir correspondência a

LÍMIA — Viana-do-Castelo — (Portugal)

DEPOSITÁRIOS DA "LÍMIA", EM PORTUGAL:

Em Lisboa — Paulo Coelho de Albuquerque (ajente), R. de S. Bento, 510, 2.º E.

Tabacaria Mónaco, Rossio, 21.

No Porto — Livraria Magalhães & Moniz, agentes), L. dos Lóios, 10-14.

Em Coimbra — Liv. Moura Marques, (ajente), R. Ferreira Borges, 171.

Em Braga — Livraria Cruz & C.ª, R. N. de Sousa, 127-133.

Em Bragança — Livraria Rodrigues, (ajente).

ACEITAM-SE AJENTES ONDE OS NÃO A

Série 2.ª — Tómo I

VIANA-DO-CASTELO
(Portugal)

N.º 7-8 — Abril-Maio, 1911



Director:

JOÃO DA ROCHA

Redactores:

JOÃO PÁRIS - CLÁUDIO BASTO

Secretário e editor:

ALBERTO MEIRA

SOBREVIVÊNCIAS PITORESCAS
DE UMA ARQUITECTURA ARCAICA

COMPRA
R 176256



M dos aspectos mais empolgantes e ao mesmo tempo mais instrutivos desta ciência pura, que se chama arqueologia, é levar-nos ela a vermos no homem um ser progressivo, não matematicamente progressivo é certo, mas desigualmente, como deveria suceder a um ente sobre cuja cabeça pesam influências de toda a espécie. Este aspecto filosófico da arqueologia constitui da ciência do homem um capítulo cheio de gravidade, mas nem por vezes deixa de ter amenas páginas, quando se restringe a um ou outro facto particular de interesse regional, a um ou outro caso que estava desprezivelmente ao alcance de uma observação caseira. Estas breves colleções, com que preencho a minha pequena sinfonia de abertura, visam a preparar o espírito de quem me lê para admirar a persistência, no actual milénario, de processos constructivos que constituíam o carácter da arquitectura monumental de povos distanciados de nós não poucos milhares de anos. Ensinados por aqueles povos na difusão geográfica da sua cultura através de estensíssimas costas marítimas, aqui bem perto de nós chegaram esses processos; o que era apenas uma questão de tempo; mas aqui se conservam ainda como uma maravilha de sobrevivência, tantas vezes secular e necessariamente contínua. E basta de sinfonia de abertura!

É hoje sabido jeralmente que o processo architectural de suspender no espaço um arco de pedra por meio de aduelas converjentes foi precedido, nas mais antigas civilizações do Egeu e outras, de um sistema menos complicado que dispunha os elementos constructivos em camadas horizontais, de sorte que, sobesaindo da vertical cada vez mais uns que outros, vinham a encontrar-se na parte superior, cerrando assim o perfil arciforme da construção. A arqueologia encontrou, de eras muito afastadas, monumentos grandiosos desta espécie erguidos à memória dos que morriam, preocupação que sempre tem acompanhado a humanidade. Muito mais modestas e modernas, mas levantadas ainda nos dias da nossa vida por mãos que decerto manobravam inconscientemente debaixo da influência de uma civilização arcaica e lonjínqua, são algumas pequenas construções que existem ainda dentro do nosso distrito na sua região mais escéntrica. Refiro-me às serras do concelho de Valdevez, que eu tenho em parte percorrido para me deixarem sempre saudades de boas horas de sol sadio e de ar purificante e agudo.

Em 1895, num passeio cinejético-arqueológico através dos montes de Cabana-Maior e Suajo, revelou-se-me um ousado esemplar de arquitectura rural pseudo-arcaica que pro-

eurei fiesar pelo lápis. Informam-me que a cheia de um ribeiro ou propósito dos povos de certo lugar o destruíram depois. Não sei. Trata-se na verdade de uma ponte pela qual parece que certos vizinhos não queriam que passasse livremente a rez. Essa ponte estava lançada sobre um regato que se precipita pela serra abaixo nas proximidades do lugar de Bouças-Donas e a N. do planalto de Mézio, donde eu já relatei a existência de 16 antas (ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, VII, 193).

Sobre o esbôço que então fiz com a mais escrupulosa fidelidade, caleou o malogrado desenhista Guilherme Gameiro esse magnífico trabalho à pênna que reproduzo na figura 1.^a Conservo em meu poder o primitivo esbôço. Por mais extraordinária que pareça essa construção, eu vi-a e examinei-a em companhia de uma testemunha, o sr. João de Vasconcelos (Tora), de Arcos-de-Valdevez. Por cima dela passavam gados da serra de um para o outro lado. Cometi uma falta em que oje não incorreria; não a medi. Recordo-me porém que as duas lajes que constituíam o fecho desse arrojado passadouro, tinham de largura total menos de um metro e, quanto ao seu comprimento, poderia oscilar entre



Fig. 1.^a — Ponte lançada sobre o ribeiro que separa o Mézio de Bouças-Donas (Arcos-de-Valdevez)

1,50 e 2 metros. Este trecho de abóbada de avançamento construído por pedreiros serranos mantinha-se por um equilíbrio brutal, mas perfeitamente distribuído das lajes e calhaus que se vêem à direita da figura. Na outra margem, que vinha a ser a direita (o desenho foi tirado a jussante), a rocha natural substituiu qualquer outra obra. Como eu pasmei deante de este arrojado arquitetural que se me deparava no âmago duma serra áspera a 600-700 m de altitude, podem também pasmar embora menos sujestionados os leitores da LÍMIA.

Dez anos depois, em 1905, e com o mesmo companheiro, visitava eu outra construção de igual género, mas bem menos esbelta e ligeira. Era a ponte de Vilar-de-Soente, lugar situado a O. de Suajo, altitude de 600 m. Ficsei-a pela fotografia de que dou uma reprodução na figura 2.^a Esta ponte é constituída por duas paredes fronteiras de avançamento, formadas com calhaus de avultadas dimensões. O riacho desce impetuosamente nas oras de cheias, porque devo dizer que a fotografia, com essa água calma e bucólica que se adivinha na gravura, foi tirada em 13 de dezembro. Ao lado do arco principal existe um grosso bueiro destinado a dar passagem a águas mais crescidas. A altura do vão da ponte, desde o lume da água, é de 4,70; o diâmetro desse arco primitivo é de 4 m. A largura do pavimento é de 2 m,15. Não se atrevem actualmente os moradores a passar ali com carros, mas o gado bovino e cavalari passa livremente. Tem um ar mais robusto que a ponte de Bouças-Donas.

A terceira sobrevivência pre-istórica que desejava apresentar à LÍMIA não tem aquele carácter pitoresco que faz das pontes de Bouças-Donas e de Vilar-de-Soente dois exemplares de paisajística, que quasi nos custa ver esentos de toda a preocupação estética por parte dos seus construtores. É uma página para a história da abitação rural, página impregnada de arcaísmo mas que, pelo menos porque se trata ainda das nevadas serras distritais, não deixará de suscitar algum interesse artístico a esta carinhosa revista. Relevem-me mais estas colcheiazinhas do meu realejo.

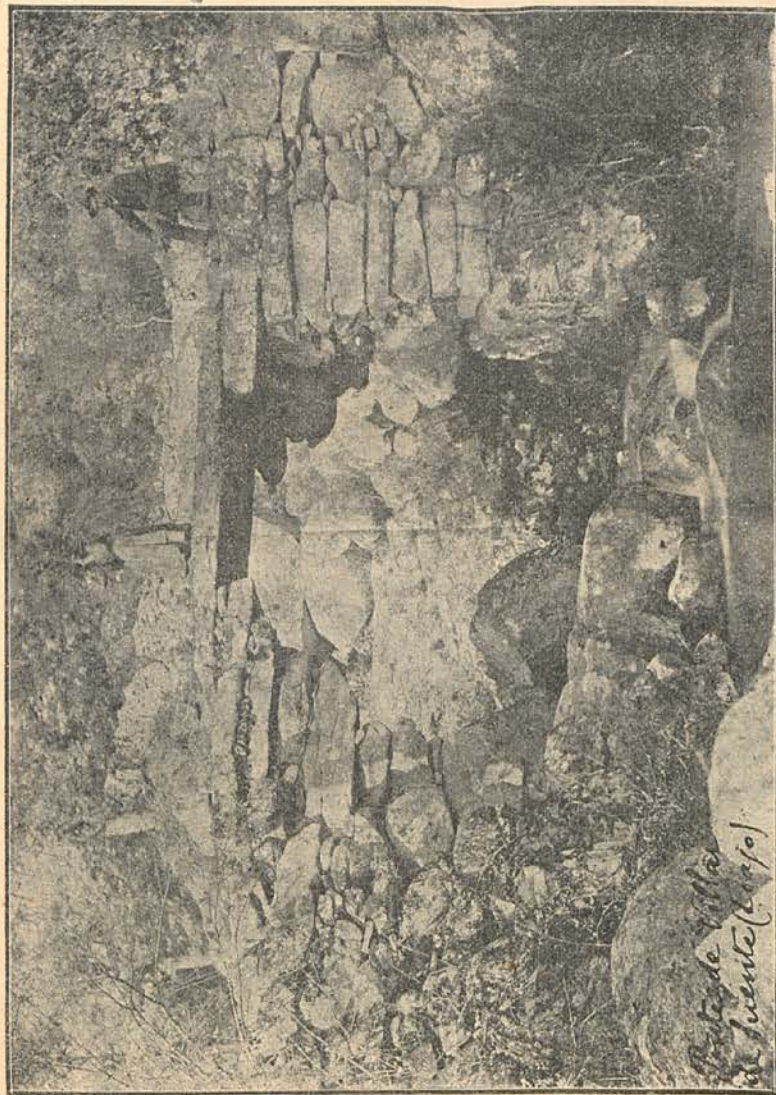


Fig. 2.^a — Ponte de Vilar-de-Soente (Suajo)

Venham os leitores à carta jeodésica n.º 1 e procurem sobre o meridiano 50' o ponto trigonométrico *Penela* (1373m), nome que por lá se não ouve naquele ponto, chamado sim o *Pedrinho*. Se realizassem essa ascensão não deixariam de encontrar abitações serranas do tipo que vou descrever, mas eu desejo dizer-lhes que os esemplares que desenhei e que fotografei em 1903 os poderão ainda encontrar no sítio chamado *Santo António-de-Val-de-Poldros*, nome que nenhum caçador dos concelhos alto-minhotos ouve, creio eu, a sangue frio. Esse ponto, cuja rusticidade absorvente é sem igual, fica a NNE. de *Pedrinho*, na marjem direita de um regato que vem a ser o rio "de Vez" (t. ant.). São estrêmas dos concelhos de *Monção* e *Arcos*.

Vejam-se as figuras 3.ª e 4.ª. A primeira reproduz um grupo constituído pela abitação umana e pelo cortelho. A planta é quadrada em ambas as construções, mas a cúpula é semi-esférica. Não sei o que lhes falta para serem idênticas às castrejas, tais como deviam ter existido em *Santa Luzia* e outras estações coevas. A casa circular não a tenho encontrado naquela rejião, senão em moíños; afóra êstes, mesmo as casas da cúpula de avançamento teem quatro cunhais. O desenho é um pouco esquemático, mas propositadamente o fiz assim, porque êle se destinava a um estudozinho documentado sobre "arquitectura rural". Calculem o conforto selvajem desta morada de granito. As lajes do teto parece que deverão ameaçar interiormente o sono do abitante, suspensas sobre a sua cabeça em ressaltos sucesivos até



Fig. 3.ª — Casa e corte de gado em Santo António-de-Val-de-Poldros (limite de *Monção* e *Valdevez*)



Fig. 4.ª — Outra casa em Santo António-de-Val-de-Poldros

o fecho e obstruídas as fendas pelas raizes das gramíneas que vejetam na superficie esterna. Nessas altitudes ásperas, onde o transporte da telha é já muito difícil, mas impossível a sua resistência aos temporais de chuva e neve, o teto de lajes é quasi eterno.

A figura mostra ao lado da abitação umana a da "réz". Tal facto vi eu realizado em abitações castrejas que esumei num castro da região.

A figura 4.ª representa outra construção da mesma espécie; aí á reprodução exacta e documentada da realidade. Recordo-me de que na architectura bizantina foi um problema que aguçava a sagacidade dos constructores o transformar a secção quadrada de um transepto ou cruceiro das igrejas na secção circular da cúpula semi-esférica que o cubria, e inventou-se um artificio a que se chamou *pendente* para estabelecer essa transição sem quebra da arte e da segurança. Pois os nossos rudes constructores da serra resolviam esse problema com a confiança e despreocupação de quem está senhor perfeito dos seus processos constructivos, começando a colocar as lajes sobre os ângulos quasi horizontalmente e avançando com elas para o centro do quadrado, imbricando-as gradualmente ao som do vário feitiço e espessura de cada uma, obstruindo os intervalos com outras pedras menores e dando a todas uma leve inclinação que facilitasse o deslizamento da água e da neve. Não se pode encontrar bucolismo nestas construções, cujo aspecto é enteiramente selvático, pesado e soturno, mas vejamos nelas os primeiros degraus de uma evolução de que nós gozamos os mais recentes mimos, talvez sem nos lembrarmos de que a poucas léguas de distância, pelas serras dentro, vivem protegidos das inclemências atmosféricas por êstes zimbórios da penedia nua omens da nossa raça e, mais do que isso, da nossa mesma linhagem polífrica.

Lembro-me de que estas notas, condensadas em volta dos apontamentos gráficos das minhas carteiras, poderão talvez concorrer, no seu pouco, para suscitar aos vianenses algumas tentações de escursionismo pelas periferias do seu distrito. Talvez!

Lisboa, 8 de março de 1911.

F. ALVES PEREIRA

POR ELLA

*Por ella — o sol floriu deragarinho,
Com medo de a magoar, onde ella estava;
E para a não fevir a rosa brava
Cado, encolheu a garra do seu espinho.*

*Gota de som que do beiral d'un ninho
Cahisse sobre uma haste — a flôr cantava;
E um astro, que ninguem pensou que amara,
Foi-se a chamar por ella no caminho.*

*Por ella, o rio claro e sonolento
Calou-se e hesitou, por um momento,
Antes — tão novo! — de ir morrer ao mar;*

*A pedra fez-se fragil e macia;
— E o vento sul torceu n'aquelle dia
Trinta legoas, talvez, para a beijar.*

Sintra, IV — 1911.

NUNES CLARO

CULTO DE QUIMERAS

I

Onde começam áridos incultos, que os gados, sem cessar, teem devastado,—quási no cimo da encosta—, voltei-me a olhar o vale e os montes que o formavam, as aldeias perdidas nas ramagens, e os campanários que as protejiam. Não sei se fatigado, se encantado, por necessidade instante de repouso, cedendo a quebranto estranho, parei; e ao prazer de esforçado caminhar preferi a delicia calma de contemplar.

E, quando atentei bem no turbilhão de seres que ao redor e a meus pés pulsavam o seu pulsar olimpico, indomável, infinito, eterno, achei-me enleado e preso em multidões de divindades, todas poderosas, que dos céus de claríssima glória, e das profundezas infernais do orbe, e do frescor das sombras da floresta corriam a arrebatar-me no tropel em que cada qual se ajita e é seu delirio.

Então, na turbação confusa de um neófito, converteu-se-me a caverna em santuário, e, no lugar consagrado pelo raio ou sobre a pedra que caiu dos astros, ouvi oráculos, e o sacerdote orava. Um deus protegia os lares e sua fortuna; outro firmava os marcos que repartem os campos entre o povo dos vilares; e os mortos e os eróis erguiam-se das cinzas a ditar seu conselho e a impor os seus mandados, prolongando, em uma vida só, vidas diversas. Na forma nobre como na mesquinha, em todas se ocultava uma vontade, consciente e grande, e inflexível. Apolo e Juno, Ércules e Ceres, Afrodite e Plutão, e Pã, deus dos pastores, e as Amadriades que viviam nos rios e nas árvores, todos tinham na terra seu quinhão, onde reinavam livres; e todos, nessa ora de visões, por mim passaram, severos ou folgando, rindo ou chorando, tristes e majestosos uns, outros alados, dizendo seus mistérios e incitando-me a que, adorando-os, eu lhes tributasse o incenso devido ao seu poder.

Guerreiros incansáveis, triunfantes, povoaram os espaços de deidades e o coração de graças e favores. Negaram a solidão em todo o universo, confiado no império sempiterno de demónios e anjos que encarnavam na poeira, no vento, na fólha e na neblina, em rochedos e águas e no murmúrio da asa mais leve do menor insecto, sorrindo, consolando e castigando, soltando com igual prodigalidade afagos e ameaças, esperanças e terrores, a indulgência, a ira e o escárneo, a abundância e a fome, o mal e o bem, toda a infinda vibração das nossas almas.

Que mundo radiante de aparições, capricho e formosura, não tentou derruir, aquele impio sectário do saber que pensando, e dissecando, e inquirindo friamente, quis dissipar, num ímpeto de orgulho, esses entes celestes, benfazejos, que andavam entre os omens e lhes vertiam no sangue fraco e impuro a firmeza, a corajém, a gratidão, salutarens alegrias e a serenidade, a esaltação suprema, a mais sublime, a consagração plena dos mortais em altares de religiosa poesia e de um dever mais forte do que a mísera carne transitória!

Que demência julgou virtude aver privado de magnánimo amparo

de seus religiosos filhos a imaginação fecunda e inquieta que jámais sofrerá os cativoiros da razão, altiva e austera, sem piedade?!...

Á! não morreram! Esses filhos da nossa fantasia todos vivem ainda e nos seguem, ocultamente, semeando de rosas os caminhos que os fados nos traçaram.

II

No silêncio dessa tarde em que comovidamente os invoquei, ouvi-os; e a sua voz, de mansidão dulcíssima, trouxe-me ao corpo como um refrigério, sacudindo a letifera inércia e o torpor em que a venenosa sêde de saber desvaira e mata, inquirindo sem amor, só por orgulho—senão, pior ainda!, por cobiça—, a aspiração injénua dos fraguados, das fontes e das ervas, das nuvens e dos sóis, da natureza enteira no seu frémto.

Pedi-te então, Senhor, que me concedas a quimera, a ilusão, esse cis-mar que a qualquer forma deu enerjia e vontade igual à nossa. Pedi-te então que ampare os meus passos dos companheiros bons que uma ciência vã afujentou.

Não me abandoneis, Senhor, nesse deserto em que espiritos crueis nos atormentam roubando aos nossos olhos a beleza! Dá-me, Senhor, os sonhos criadores! Possa eu ver as ninfas das nascentes, os faunos das florestas, e os tritões lançando à praia as ondas arrojadas. Se da vida me tiras as quimeras, irisiada espuma capitosa da taça que gota a gota vou bebendo,—que lhe encontrarei no fundo senão o sal de abrasada e mortífera amargura?!

Aveiro

JAIME DE MAGALHÃES LIMA



CIÊNCIA DAS LINHAS

(Desenho de LUÍS FELIPE)

A VIBORA

*O meu Amor caiu morto;
Morreu de todo, bem vês:
Não ha carinho ou conforto
Que n'ô reanime outra vez!*

*O seu cadaver gelado
Jaz além, hirtto, sem côr;
Venho rezar-lhe — coitado!
Cadaver do meu Amor!*

*Ajoelho docemente,
E, com lagrimas sinceras,
Desfio, na sua frente,
Um rosario de chimeras...*

*Pelo ar boiam harpejos
Que talvez nem presentisses:
— Salvé-rainhas de beijos...
Ladainhas de meiguices...*

*Vão casar-se, n'um perfume
De saudades e illusões,
Misereres de queixume
Com hossapas de perdões!*

*E o cadaver delicado,
Em que as flores vem poisar,
Põe na urna o tom nevado
D'um immenso nemifar!*

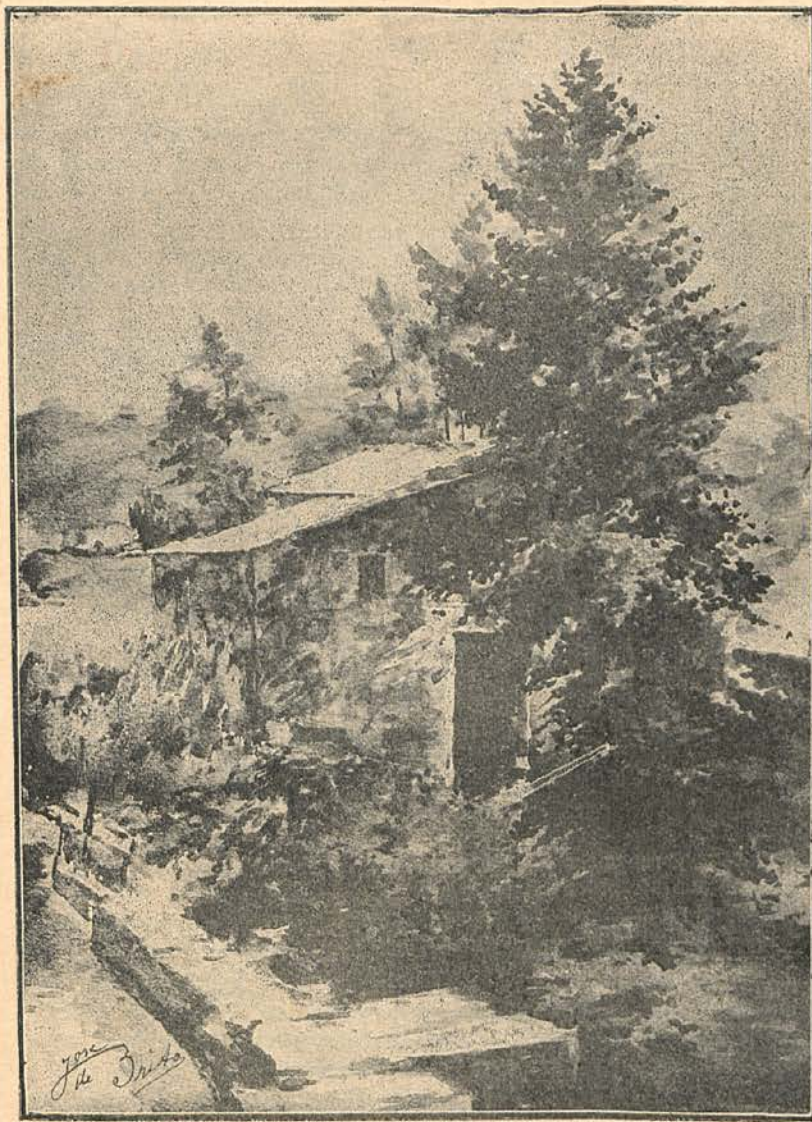
*Levantei-me. Eis sendo quando,
Ó mysterio! ó confusão!
Uma vibora, voando,
Fugiu-lhe do coração!*

*E, a silvar, em doida furia,
Com rancor e com despeito,
N'um arranco de luxuria,
Enterrou-se no meu peito!*

*Perseguidora maldita!
Nada a contém, nem distrai!
— Meu Amor! Vá! resuscita...
A ver se a vibora sai!*

Gondarém (Minho)

QUEIROZ RIBEIRO



Paisagem

(Aquarela de JOSÉ DE BRITO)

NOTAS PHILOLOGICAS

1. machado

De *marculatu-, derivado de marculus «martelinho». *Marcu-latu- tornou-se *marc'latu-, e RCL deram *ch*, como em *sacho*, de sarc'lu-. Quanto á formação, cfr. *asciata, de ascia: d'ahi veio *enzada*.

2. tocha

Tem-se explicado esta palavra pelo italiano, mas podemos explicá-la directamente pelo latim, admitindo que ella significou primeiro *archote*, que é feito de esparto torcido. De torquere «torcer» veio *torcula*, como de *regere* veio *regula*, de *tegere* veio *tegula*; *torcula*, não no sentido de «lagar» (*torculum*), mas no de «acto de torcer», dava *tocha*: cfr. o § anterior. De abstracto, o sentido tornava-se facilmente concreto: «aquillo que é torcido».

3. senoute

No concelho da Feira diz-se correntemente á *senoute* por «á noitinha». A palavra *senoute* provém da archaica *sonoite*, que se lê, por exemplo, em Sá de Miranda, e que a Sr.^a D. Carolina Michaëlis, na bella edição que fez das obras d'aquelle poeta, explica, e naturalmente, por *sub nocte*, a pag. 932. A mudança de *oi* em *ou* é normal. O *e* da syllaba inicial resultou de dissimilação.

4. Monção

Num dos meus primeiros trabalhos philologicos (*Dialectos minhotos*, pag. 9) escrevi *Monsão*, com *s*, por suppôr que a palavra vinha de *Monte santo*, mas reconheço hoje, e já ha muito, que tal escrita é errada: com effeito as fórmás archaicas, da epoca em que *ç* se distinguia de *s*, tem *ç*: *Monção* (sec. XV), *Monzom* = *Monçom* (sec. XIII). Indicam-se os respectivos textos no *Onomastico Medieval* de Cortesão, e no *Indice das Leges et Consuetudines*, pag. 965 (*Monzon*). — O onomastico hespanhol tem tambem *Monzon*, palavra que talvez se relacione etymologicamente com a nossa.

Lisboa.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

ORTOGRAFIA PORTUGUESA

II

Deixei expostas em artigo antecedente as condições em que julgo oportuna e exequível a simplificação e regularização da ortografia portuguesa, condições que ficaram resumidas em três preceitos fundamentais: 1.º diferenciarem-se gráficamente todos os vocábulos que, escritos com as mesmas letras, tenham pronunção diversa; 2.º fixar-se escrita comum, que possa abranjer diferenças dialectolójicas de pronunção; 3.º proscreeverem-se todas as letras, ou combinações de letras, que não acusem actualmente, nem jámais acusassem particularidades de pronunção no idioma pátrio, e neste caso estão os símbolos de etimolojia grega, *y*, *ch*, *ph*, *rh*, *th*, e a duplicação de consoantes, excepto *rr*, *ss*.

O alfabeto romano compunha-se das seguintes letras: A B C D E F G H I (K) L M N O P Q R S T U X (Y Z).

Destas vinte e três letras o K raras vezes era empregado, e sómente antes de A. As duas últimas letras Y e Z limitavam-se á transcrição dos vocábulos gregos adoptados em latim pelos escritores, do mesmo modo que os grupos CH, PH, RH, TH unicamente eram aproveitados em iguais circunstâncias. Ao Q seguia-se sempre U (QU), de certo proferido antes de qualquer outra vogal, como em português o é em *quando*, *quadro*.

Foi este o sistema de escrita herdado pelos povos em que se exerceu a influencia romana, nomeadamente aqueles que haviam substituído pelo latim os seus idiomas vernáculos, e entre os quais se contam os habitantes da Península Hispânica, com excepção dos vascongados. Para a dita península passou pois esse alfabeto, que, como em outras rejões, aqui foi ampliado ao depois com a distincção entre *i*, *u* vogais, e *j*, *v* consoantes, bem como com os três agrupamentos de letras *ch*, *lh*, *nh*, designativos de sons que em latim não existiam, ou não tinham letras apropriadas.

O *y* nas antigas grafias, mas sem constância de emprêgo, foi utilizado para designar, como em castelhano ainda actualmente, o *i* semi-vogal, como em *maior*; e nas escritas jermánicas inventou-se a nova letra *w* para denotar o *u* semi-vogal do inglês *water*, por exemplo; mas tal letra nunca pertenceu aos abecedários românicos, dos quais foi excluída, como o fóra o *k*, e em grande parte o *y*, e até em italiano o *x*.

Outro símbolo que o alfabeto romano desconhecia é *ç*, que na Península foi destinado a representar a sibilante surda alveolar, que ainda hoje representa em português; emtanto que o *z* foi utilizado para figurar a correspondente consoante sonora que proferimos em *zêlo*, por exemplo, substituindo porém o *ç* em fim de sílaba, como em *vez*, *noz*, *mezquita*. O *s*, quer surdo, quando inicial, ou duplicado entre duas vogais, quer sonoro, nesta última situação, *só*, *passo*, *casa*, representava, como continua a representar em parte da Beira-Alta e de Trás-os-Montes, uma classe de sibilantes, que se denomina sub-cacuminal e cuja articulação é formada pelo ápice da lingua e as jênivas dos dentes incisivos superiores, no ponto em que proferimos o *r* braço de *caro*, *côr*, classe que os dialectos das mais provin-

cias, e a lingua literária confundiram ao depois com a indicada primeira classe de sibilantes.

A manutenção dessa distinção, porém, é de toda a conveniência conservá-la na escrita, porque a substituição do *ç*, (*ce, ci*) por *s* ou *ss*, ou a de *s* entre vogais por *z* apagaria todos os vestígios da história dos vocábulos em que figuram, abriria um abismo entre a escrita tradicional e essa inovação, e poria o português em completo desacôrdo com as linguas suas irmãs gêmeas, em que se mantém a distinção. Outro tanto se pode dizer a igual distinção entre *ch* e *x*, pois a origem desta diferenciação se mantém em outros idiomas, a pronúncia divergia dantes, e ainda dialectalmente diverje, mesmo em português, pois nas duas provincias citadas o *ch* equivale a *te* próximamente. O mesmo se pode afirmar a respeito de *ô* e *ou*, que, conquanto iguais em valor no centro, sul e occidente de Portugal, soam bem distintos no norte e a leste, nas provincias indicadas e mesmo na Beira-Baixa, na Madeira e nos Açores. Não devem portanto unificar-se numa só ortografia.

Nestas condições a escrita portugueza tem de distinguir entre si não só fonemas que o ouvido reconhece facilmente como diversos, mas ainda outros, como *x* e *ch*, *ô* e *ou*, *s* (*ss*) e *ç* (*ce, ci*) *z* e *-s*, que o idioma comum e o literário confundem usualmente.

Por outra parte, é semelhantemente necessário que se não reúnam em escrita comum *a*, *e*, *o* das sílabas fortes das palavras, quando a circunstância de representarem valores diversos possa ocasionar hesitação na leitura de vocábulos escritos com as mesmas letras, mas em que *a*, *e* ou *o* sejam, com distinção de significado, ou abertos ou fechados. É necessário portanto fazer maior uso dos acentos agudo e circumflexo, respectivamente, do que usualmente se faz o sem rigor ou coerência. Palavras como *sêde*, *côrte* devem ser diferenciadas de *sede* (*sêde*), *corte* (*côrte*), por meio do circumflexo, que em português há muito tempo serve para lhes marcar o valor de *e*, *o* fechados; e assim também, formas como *louvâmos* se devem distinguir pelo acento agudo, designativo das vogais abertas, de *louvamos* (*louvâmos*, presente do indicativo), *dêmos*, subjuntivo presente, de *demos* (*dêmos*), pretérito, *fiéis*, *sóis*, plurais de *fiel*, *sol*, de *fiéis*, *sois*, formas verbais de *fiar*, *ser*, em que o *e* e o *o* são fechados.

Conquanto mais raras vezes, vocábulos existem escritos com as mesmas letras, mas em que se differença na pronúncia uma vogal átona, *a*, *e*, *o*, que nessa situação valem por vogais surdas, como em *cada*, *devia*, *motivo*, em ser aberta, com differença de sentido em relação a outros vocábulos em que é surda; tais são por exemplo, *àparte*, substantivo e *aparte*, verbo, *môlhada*, *pêgada*, substantivos, e *molhada*, *pegada*, particípios. É pois conveniente differenciar por um acento especial, o GRAVE (·), esse valor excepcional, quando se possa dar a confusão; ficando portanto este acento destinado a indicar *a*, *e*, *o* abertos, mas átonos, visto que o agudo marca a vogal principal da sílaba tónica, e em especial o *a*, *e*, *o* abertos, de sílaba predominante.

A escrita de *e* ou *i*, *o* ou *u* átonos antes de vogal, ou do último grupo em qualquer situação, oferece em português grandes dificuldades, que se não dão na ortografia castelhana ou na italiana, por isso que nestes idiomas nenhuma confusão pode haver entre essas letras, que se differenciam

perfeitamente na pronúncia. Em português só a analogia e a etimologia das palavras podem resolver a escolha, e a consulta aos dicionários terá de ser indispensável: por exemplo, *cear* com *e*, em razão de *ceia*; *soar*, *porteiro*, com *o*, em razão de *som*, *porta*.

Outro sinal ortográfico muito português, mas que já faz parte de quasi todas as transcrições scientificas, desde a de Lépsio (1863), até a do Maître PHONÉTIQUE, contemporânea, é o til, para designar as vogais nasais; na ortografia actual, porém, só é usado sobre o *a*, e o (*ã, õ*), quer na terminação *ã*, quer nos ditongos *ãe, õe, ão*; ex.: *irmã, irmão, órfã, órfão, capitães, mãe, põe, lições*.

Assim pois, os caracteres com que se escreverá o português são os seguintes: *a, â, á, â, ã; b; c, ç, ch; d; e, ê, é, ê; f; g, gu, gû; h; i, î, í, j; l, lh; m; n, nh; o, ò, ó, ô, õ; p; qu, qû; r, rr; s, ss; t; u, ù, ú; v; x; z*. Ao todo 47 de cujo emprêgo tratarei em artigo subsequente. Por esta última palavra pôde ver o leitor que o acento grave sobre o *u* de *qu*, como sobre o de *gu*, significa ser êle proferido excepcionalmente; ex: *frequente* comparado com *quente*, *arguir* comparado com *seguir*. Cumpre todavia evitar quanto possível o emprêgo do *u* proferido átono entre *g* e vogal: pelo que *goela*, se escreverá com *o* correspondente ao castelhana *golilla*, e mesmo *agüentar*, se poderia escrever *agoentar*, apesar do castelhana *aguantar*; *mágoa* deve ter *o*, e não *u*, atenta a forma verbal *magoa* (*magôa*) de *magoar*.

Contudo, *rêgua, lêgua, água* conveniente é que se ortografem com *u* (latim *regula, leuca, aqua*), pois a antiga escrita com *o* era devida à indistinção gráfica de então, a qual confundia *u*, vogal, com *v* consoante, como igualmente confundia *i* com *j*, o que motivava diversos expedientes ortográficos, como eram a anteposição de *h* inicial em *hir, hum*.

Com efeito, uma escrita como *ia* lia-se *já, uivar* sem *h* inicial (*huivar*) ler-se-ia *vivar*. Estes expedientes nenhuma razão de ser teem actualmente, visto que não há confusão possível entre os símbolos das vogais *u, i*, e os das consoantes *v, j*, differenciação gráfica que ficou assente há já mais de um século.

Lisboa

A. R. GONÇALVES VIANA

INSPIRAÇÃO DIVINA

*San'-Lucas, San'-João, San'-Marcos, San-Mattheus,
Deixaram-nos expressa a lei do Christianismo
No Evangelho sagrado: ao seu evangelismo
Soprou inspiração o Espirito de Deus.*

*E á inspiração de Deus também deido é
Que em raptos divinos de esplendido lyrismo
Nos desinvolta as leis do Perfectibilismo
Eugenio Pelletan na Profissão de Fé.*

Lisboa

XAVIER DA CUNHA

Fialho Almeida

Filho de um mestre-escola de Vila-de-Frades, Fialho de Almeida lá nasceu em 1857. Não tendo mais que o seu modesto ordenado, o pai educou-o como pôde até os nove anos, que foi quando o levou para Lisboa e o meteu como interno no *Colégio Europeu*, no largo do Conde Barão. Nos seis anos de vida colejal sofreu os maiores despeitos e umilhações, e, ao sair daquela clausura, em 1872, por falta de recursos caiu, para ganhar o amargo pão quotidiano como aprendiz de farmacêutico, numa botica do largo do Miteo onde, sem mais folga que três oras de passeio aos domingos, comendo «uma berundanga que sobrava do jantar da família do patrão», dormindo «num cacifro de seis palmos de largo, por vinte de comprido e dez de altura, numa enxerga metida numa especie de gaveta que de manhã reentrava na parede», pôde «resistir sete anos àquêle inferno de ratos, pias rôtas, miséria alimentícia e raçuns de ungentos pre-istóricos».

Nas oras de forçada inércia manual, quando a cavaqueira se estremunhava na loja e os fregueses falhavam, Fialho saboreava o romance da época e ia conhecendo, por volumes de livrarias de aluguer, os escritores mais afamados. Assim descobriu o seu rumo; e começou a rabiscar em gazetas de provincia. O patrão concedera-lhe licença para frequentar o liceu. Fialho fez os seus preparatórios, matriculou-se na Escola Politécnica mas, ao meio do curso, morreu-lhe o pai. Teve de retirar-se para Vila-de-Frades a cuidar da familia que ficara ao desamparo. Voltando um ano depois para Lisboa, pôde, com espartana parcimónia, sustentar-se por meio de leccionações e colaborações em gazetas e enciclopedias, e completar o curso de medicina, de que não fez uso porque inteiramente se deixou absorver pela sua estranha e intensa vocação literária.

Atóra os 57 números de *os Gatos* (54 da primeira série e 3 da segunda), Fialho publicou os seguintes volumes: *A Cidade do vicio*, *Contos*, *Lisboa galante*, *o País das uvas*, *Pasquinadas*, *Vida irónica*, e *à Esquina*.

Logo após a publicação de *os Gatos*, casou, passando a viver em Cuba, no Alentejo, onde, depois de viúvo, se dedicou aos trabalhos agrícolas aliviados em repousadas leituras e, de quando em quando, interrompidos pelas nostálgicas escapadas que o atravam para Lisboa. A febril e intensa produção dos seus anos de luta não teve seqüência e desfinhou. A não ser o volume *à Esquina*, onde, entre bellissimas coisas, á um trecho de valor inescedível: os Ceifeiros,—durante perto de 18 anos nada, de novo, conseguiu publicar. Quási se deixou esquecer. Viajou um pouco em Portugal, Espanha, França, etc., colhendo impressões estéticas, folheando arquivos onde o Passado dorme e sonha, vislumbrando aspectos de sociedades rurais,—e parecia decidir-se a continuar, por outro rumo, a sua vida literária quando, aos 53 anos, a morte o levou.

No momento em que se deu, a morte repentina do escritor não produziu na literatura portuguesa aquêle abalo profundo que se segue ao desaparecimento dos omens de alto valor, que o público sinceramente admira.

É que Fialho tornara-se um atrabiliário inimigo da República e veio a morrer justamente, como se de desgosto se suicidasse, na ocasião em que, com mais anseios de esperança e mais comovido amor, a jente de Portugal, espulsos os Braganças, tomava uma nova e mais favorável orientação para seu destino. Assim, o omem que não soube conservar, na plena maturação dos seus anos, a integridade de espirito que o distinguira na mocidade e à mocidade do seu tempo apontara, com irrequieta e intemerata audácia, o esforço obscuro, valioso e doloroso, dos umilhados e vencidos, baixou à cova quási sem deixar saudades.

E todavia Fialho foi um dos maiores artistas da palavra que Portugal produziu.

Páginas da «Cidade do vicio» e do «País das Uvas» e do «à Esquina» e dos «Gatos», ficarão entre nós imorredoiras.

Ele compreendia e absorvia a paisagem como ninguém e raro será o escritor, em qualquer lingua do mundo, que em análises de psicologia mórbida aja tornado mais vivas as almas inconfessáveis dos tarados e dos malditos. Lembra-se do Sérgio dos «Gatos»?

Todavia os obstáculos com que lutou, na mocidade e no início da sua carreira literária, azedaram-lhe o temperamento, e os seus estudos psicológicos ressentem-se da misantropia que o dominou. As suas observações eram sobretudo impressionistas. De feitio combativo, explodia em sarcasmos, troças, ironias quando com mais serenidade lhe convinha criticar. Daí a injustiça das suas opiniões.

Metia-se na multidão, que odiava, para mais agudamente sentir e sofrer. Não meditava, não amadurecia a sua arte: vibrava nela e por ela com desespero, com dor ou com volúpia. Por isso não fez senão quadros curtos, obras de resumo ou de ocasião.

Seguia sempre um partido, que foi o partido dos umildes e vencidos, dos descontentes e revoltados, quando umilde, vencido, descontente e revoltado se encontrava também...

E foi, desgrenhadamente, de tamanha misantropia e revolta que a sua obra rompeu como uma silvestre planta agressiva...

Mais tarde, quando a vida se lhe tornou mais fácil e regular, secou-se-lhe a veia cáustica, e foi burguês, mesmo nos seus escritos. Faltou-lhe o estímulo, faltou-lhe a dor e a vibração. A sua obra mudou de sentido e empalideceu. Já não era o mesmo omem. Chegou a adular os que dantes odiara. Foi assim, como escritor, morrendo aos bocados, em áridos estu-



FIALHO DE ALMEIDA

1857 — 1911

dos de arqueologia, em pobres crónicas anémicas. E uma tristeza indomável, a tristeza dos desalentados e impotentes, lhe acabrunharia a alma.

Ninguém, porém, poderá esquecer-se da primeira maneira do admirável escritor; porque nunca em português se fez prosa de mais superabundância e flexibilidade do que a dele, se evocou tam trágicamente em cenário de aflições e misérias. Ex.: a descrição do entérro de D. Luís, nos «Gatos».

Eis por que a LÍMUA, a que prometera colaboração, sente a falta do estilista orijinal que foi Fialho de Almeida e presta nas suas pájinas, embora em breves e frouxas palavras, a omenagem que deve a um dos omens que com mais intensa comoção e vigor soube fazer viver a lingua portuguesa.

Viana-de-Castelo

JOÃO DA ROCHA

Augusto Fuschini

Saído em 1870 dos bancos da Universidade de Coimbra diplomado em matemática, concluiu em seguida os cursos de enjeharia em Lisboa e Paris.

Jénio trabalhador e espírito atento, impressionado pelas questões da época, dedicou a sua actividade à resolução dos problemas sociais e económicos, passando pouco depois a militar na política.

Mais tarde desenganado e desgostoso vêmol-o estudar as diversas fases da Arte nacional, na especialidade da arquitectura medieva.

A pre-istória e a arqueologia portuguesa aviam tomado desenvolvimento, devido à constante propagan-
da de Murphy, Raeszinsky, Possidónio da Silva, Carlos Ribeiro, Neri Delgado, Felipe Simões, Teixeira Aragão, Gabriel Pereira, Santos Rocha, Leite de Vasconcelos e Rocha Peixoto; fun-



AUGUSTO FUSCHINI

dadas sociedades científicas, Lisboa, Pôrto, Coimbra, Évora e Figueira abriram muscus.

Desde 1897 que o Ministério de Obras Públicas decretara a conservação das preciosas reliquias do passado, sendo certo que a maior parte dos nossos istóricos edificios se não caíam em ruínas estavam abandonados e sujeitos a vandálicas destruições.

Urgia pois relacionar êsses monumentos e colocá-los sob a vigilância directa de uma comissão official.

Evidenciado o talento de Fuschini e a sua competência foi escolhido para presidir ao Conselho Superior dos monumentos nacionais criado em 30 de dezembro de 1901.

No ano seguinte ficaram constituídas as comissões locais por todo o país, e, lançadas as bases da classificação com os subsídios por elas fornecidos, appareceu o Catálogo em 1904.

Ao mesmo tempo o Presidente publicava os — *Ensaio da Historia da Arte: — A architectura religiosa na Edade Média* —, onde se revela o fino critério do autor, que descendo das questões empiricas soube prestar um notável serviço à pátria.

A restauração da igreja e claustro da Sé de Lisboa atestam o valor e capacidade artistica do douto arqueólogo, que de alma e coração a dirijiu até falecer em 8 de março do corrente ano de 1911.

Viana-do-Castelo

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA

A SELECÇÃO NATURAL E A LUCTA PELA VIDA

Muito tempo antes que Darwin houvesse formulado a sua theoria de selecção, alguns naturalistas, e especialmente Goethe, explicavam a multiplicidade das formas organisadas pela acção combinada das forças formadoras, uma conservadora, outra modificadora ou progressiva.

Goethe chama, a primeira, força centripeta ou de especificação, e a segunda, força centrifuga ou de metamorphose.

Estas duas forças correspondem ás funcções da herança e da adaptação. A herança é a força formadora centripeta ou interna; trabalha para manter as formas organicas no limite de suas especies, para fazer com que a descendencia se pareça com os antepassados.

A adaptação, ao contrario, constitue o contrapeso da herança; é a força formadora centrifuga ou externa; tende perpetuamente a transformar as formas organicas sob a pressão das influencias externas.

Segundo a preponderancia na luta entre a herança e a adaptação, a forma especifica persiste ou se transforma em uma especie nova. O gráo de

fixidez ou de variabilidade das diferentes especies animaes e vegetaes é simplesmente o resultado da preponderancia momentanea exercida por uma d'essas forças formadoras sobre a sua antagonica.

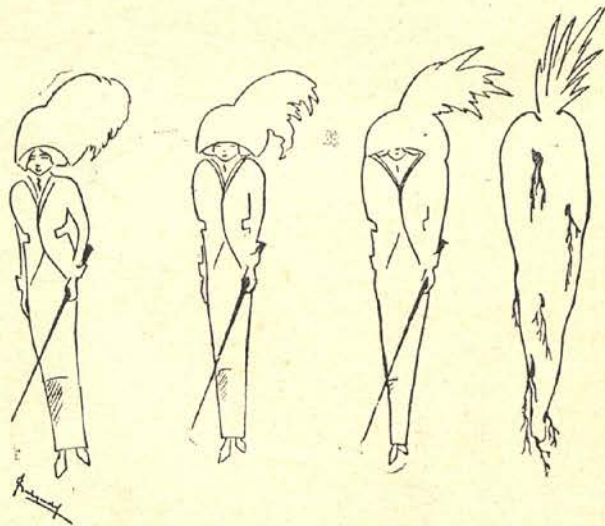
Estudando a selecção, verificamos que a selecção natural, como tambem a artificial, tem por base a acção combinada d'essas duas forças formadoras. Uma exacta apreciação dos processos de selecção artificial empregados pelo creador e pelo horticultor evidencia que para a obtenção de formas novas se utilizam sómente essas duas forças formadoras. Toda a arte da selecção artificial descança em uma applicação intelligente das leis da herança e da adaptação, na sua regulamentação e em sua utilização voluntaria.

O mesmo ocorre com a selecção natural. Ella tambem utiliza essas forças formadoras organicas, essas propriedades physiologicas fundamentaes da adaptação e da herança para produzir as diversas especies. Porem a força predominante na selecção artificial, a vontade humana racional e consciente, está representada na selecção natural pela luta pela existencia.

E n'este facto consiste o maior merito de Darwin, que indiscutivelmente conseguiu provar com inumeros exemplos que é a lucta pela vida o instrumento manifesto da selecção natural.

Rio-de-Janeiro, 17 de Janeiro de 1911.

W. GARCIA



(Desenho de J. SALGADO)

A FELICIDADE

*Dizes que és infeliz,—e eu creio, minha amada,
que se o não fosses — ai ! — eras uma excepção!
Pois qual é o mortal que de alma illuminada
possa levar a cabo a peregrinação?*

*Olha em volta de ti. Percorre o globo todo,
desde o campo á cidade e desde o monte ao val,
que em toda a parte, amor, verás o mesmo lódo,
e em todos os casaes uma miséria equal.*

*Não ha lar onde habite essa alegria sã
que a Humanidade teve em época afastada;
e o ideal — Ventura — é uma palavra vã,
como a palavra — mãe — em bôca de engeitada.*

*Eu sei: invejas quem passa por ti sorrindo,
estadeando paz, amor, felicidade...
Abre-lhe o coração: vê que tormento infundo
o seio lhe confrange e o cérebro lhe invade.*

*Onde leres "amor", traduz "ciúme"; e aonde
cuidas que existe a paz, verás que a lucta é incalma.
É que o sorriso é a eterna máscara, que esconde,
ao olhar que nos fita, a máguia da noss'alma.*

*Ai, filha! Ser feliz consiste em parecer-
sómente. E como a Vida é feita de imposturas,
é por isso que nós pomos todo o desvelo
em occultar aos máis as nossas amarguras.*

*E' preciso soffrer caladamente. O Mundo
é cheio de desdem e vil hypocrisia,
e a sua Piedade é um escórneo profundo,
e a sua Caridade é uma torpe ironia.*

*César tinha razão: todos somos actores
no proscénio da Vida. O drama é collossal,
mas em tórno de nós ha mil espectadores...
Saber representar, eis o supremo ideal.*

*O panno vai subir... Cautella!... Enzuga o pranto
que verteste. Levanta os olhos sem rebuço,
e entreabre os lábios teus num bom sorriso, enquanto
te despedaça o peito um último soluço.*

*Partamos. Dá-me o braço. Olha a visinha, anciosa,
cheia de inveja... Vês, minha adorada actriz?
Ouviste-a? — "Aquella sim, aquella é venturosa !" —*

E agora? Vaes melhor? Não te sentes feliz?

S. Mamede-d'Infesta.

CAMPOS MONTEIRO

— ¿ Que me importa que tenhas dado o coração ?

Eu amo o teu olhar injénuamente escuro: a viveza dèsses olhos lindos que nos meus se prendem. Eu amo o encanto dos teus lábios, vermelhos como sangue, de mobilidade inefável. Eu amo a côr do teu rosto, nêvo como a poeira das ondas. Eu amo a tua alegria, a tua desenvoltura, a tua jentileza — ó loira figurinha mimosa !

Eu amo a graça do teu corpo, esbelto e artístico; eu amo a tua cabeça de criança onde brilham como estrélas dois brineos pequeninhos...

— ¿ Que me importa, que tenhas dado o coração ?

Demora-te ante os meus olhos, nunca fartos de te vêr! Dá-me a luz dos olhos teus, desfaze a bôca em sorrisos, — brinca, brinca... pudera eu sonhar continuamente com a tua graça, despreocupada e simples !

Quisera cantar a teu lado a Verdade e o Bem, o Amor e a Beleza, para acordar teu pensamento, para comover teu coração: quisera abalar a tua alma ainda môça, para que ela, por si, por trabalho seu ora brando ora violento, voasse cheia de luz — e pudesse ir ao encontro de outra alma irmã da tua e nela se confundisse amoravelmente, como na macieza das rosas se confundem duas lágrimas de orvalho que se encontram...

— ¿ Que me importa que tenhas dado o coração ?

Pudesse eu no teu corpo delicado criar uma alma bela, livre, — sem tenção egoista de a lograr!

Eu quero a tua felicidade, eu quero que a tua alma divinizada pela Dor encontre uma alma divina.

Felicidade é sentir chorar ess'outra alma a quem adoramos, quando a nossa própria chora. A Vida é a Dor. Quem mais sofre é quem mais vive. Feliz do que sabe sofrer — quando a sua alma tem par!

— ¿ Que me importa que tenhas dado o coração — se porventura o deste bem ?

Eu só quero sonhar, — e o que te admiro a mais ninguém pertence. A suavidade do teu olhar, como eu a sinto ninguém mais a sente. A expressão da tua bôca, só eu a contemplo como eu a adoro. Da arte do teu corpo leve, só eu amo a impressão que me provoca.

Na água, sossegada e pura, claramente quieta, ou na água jaspeada pela aragem mansa, — a luz, ao sol morrer, transforma-se, poetiza-se, espiritualiza-se, e cada qual ali sente a grandiosidade da Natureza: mas não são iguais os aspectos a todos os olhares: o que certos olhos alcançam outros o nem sonham talvez.

E a suavidade do teu olhar, a expressão da tua bôca, a arte do teu corpo, tais como eu as vejo, são minhas, só minhas. E eu não desejo mais nada para mim.

Guarda o coração. Sabe guardá-lo. Aquela ventura me basta.

Não tires, pois, ó loira figurinha mimosa, de meus olhos d'alma o estímulo delicioso da minha ventura!

Deixa-me sonhar. Deixa-me sentir a Natureza, grande, eterna, infinita, no teu me-lindre, na tua graciosa delicadeza!

Pôrto, março de 1911.

CLÁUDIO BASTO

Após o desbarato de Alcácer-Quibir onde o loiro rei perecera no derradeiro lance de vencido, a nacionalidade portuguesa sofreu o abalo da catástrofe numa perplexidade estuante de agonia.

Então, muitos dos que escaparam à carnificina foram cativos, conseguindo no fim de bastantes esforços o seu resgate a pêso de oiro.

Entre êles contava-se D. João de Castro, filho do antigo Vice-Rei da Índia, que, liberto das mãos dos alarves, procurou refúgio em Paris onde deu à publicidade, vinte e quatro anos depois — 1602, o seu "Discurso da vida do sempre bem-vindo Rey D. Sebastião nosso Senhor, o encoberto desde o seu nascimento até o presente, etc.", sorte de romance onde pôs em dúvida a morte do desventurado monarca aventureiro.

Dá-se então, que, no ânimo dos indoutos, a incerteza tomou foros de verdade e a esperança de que o *Desejado*, o *Encoberto* voltaria, radicou-se a tal ponto, que a descendência de dois séculos esteve numa expectativa ansiosa, efeito de uma obsessão mórbida, aguardando que em determinada ora dum afortunado dia estivesse de volta o soberano, que, segundo resavam as profecias de então, andava oculto sob o burel umilde dum peregrino, errando pelo mundo.

E tal foi esta ipertrofia afectiva que já perto de nós ainda existiu quem de olhos postos no infinito da alma visse prodijiosamente revelada a imagem viva do desaparecido com a promessa da chegada em breve a romper-lhe dos lábios.

A Europa riu da injénuo credulidade dèsses espiritos doentios. E quando todos julgavam já esterminada essa fase aberrativa, eis que surge



(Da colecção do pintor VITORINO RIBEIRO)

em Lisboa, como um último clarão fujidío e mortício—o derradeiro dos visionários.

Foi isto no ano de 1813, quando a alma portuguesa andava absorvida, tomada do sobressalto com o levantamento da guerra peninsular. No entanto, o caso produziu o presumido espanto.

O omem dizia-se enviado de D. Sebastião. Viera de parajens ignotas, contava maravilhas, um rosário enfim, abertamente denunciador de um desequilíbrio mental.

Trajava de mouro. Sôbre o peito, num rótulo, estas palavras de uma cabalística incoerente: TERRA, VERDADE, PODER, HONRA, SANTIDADE, VIDA, SAUDE, FORMOSURA, BONDADE, CONHECIMENTO, RAZÃO DA LEI; e por de baixo, sôbre os lados, em duas metopas, um alfanje encimado com o trissilabo VERDADE, e, ao lado direito, uma cruz grega coroada com a palavra HONRA.

O povo ficara estupefacto. E para saciar-lhe a curiosidade veio a lume a estampa popular, belo étimo de gravura em cobre, seguindo-se-lhe na divulgação as fábricas de cerâmica que utilizaram êste successo para deco-

rarem alguns dos seus produtos.

Neste caso está o prato que ilustra êste artigo e cuja prova fotogrática foi amavelmente cedida pelo Ex.^{mo} Snr. José Queiroz, que o possui na sua preciosa colecção, e figura a prisão do suposto enviado feita por um furriel a 18 de Agosto de 1813. (1)

Pondo em evidência o acontecimento foi também esecutada uma bela estatuetta representando



(Da coleção do Ex.^{mo} Sr. JOSÉ QUEIROZ)

o presumido emissário, que, como bom trabalho que é, merece especial

(1) Na sua apreciável e magnífica obra *Cerâmica Portuguesa* o Ex.^{mo} Snr. J. Queiroz diz representar "um espião disfarçado com traje de mulher preso no campo de operações militares,, quando é, positivamente, a estranha personagem a que êste artigo se refere.

menção. De fôrma, em pó de pedra, pertence à fábrica do Cavaquinho fundada em 1789.



(Da coleção do pintor VITORINO RIBEIRO)

Esta peça que é um belo esemplar denunciador de como era cuidada a arte cerâmica no norte, revela-nos, tanto pelo arranjo das roupagens como harmonia eucromática, um autor de fino temperamento estético bom conhecedor do trato plástico.

Por isso sou levado a crer que êste trabalho tenha sido feito por João José Braga, berrista de merecimento do qual existem alguns trabalhos no Museu Municipal do Pôrto, e que para a fábrica indicada modelou várias peças, segundo informes por mim obtidos de velhos ceramistas de Vila-Nova-de-Gaia.

Estes três documentos vivos, que preciosamente acompanham estas linhas, marcam uma fase patológica da nacionalidade portuguesa, evidenciada pela arte, assim como são a prova frisante de quanto interessou o público, o último *sonhador* e pseudo-enviado do rei *encoberto*...

Pôrto

EMÁNUEL RIBEIRO

LIVROS

DOIDA DE AMOR, por Antero de Figueiredo. O AUTO DAS QUATRO ESTAÇÕES, por António Correia de Oliveira. CANÇÕES DO VENTO E DO SOL por Afonso Lopes Vieira.

IMPRESSÕES PESSOAIS

Dos livros em prosa e verso últimamente publicados em Portugal destacam-se alguns que, pelo seu fundo sentido e alto relêvo de realização, merecem particular referência. A' jentileza de seus autores julgo ainda dever a publicidade da minha admiração. Seja-me portanto permitido comunicar aos leitores da *Lâmia* as impressões pessoais que me ficaram da leitura d'esses livros.

*
* *

Dos modernos prosadores portugueses Antero de Figueiredo é aquêlê cuja forma, sôbria e correctea, serenamente maleável, literariamente majis-

tral, mais me parece harmonizar-se com o temperamento do seu autor. Além disso, o espírito cultivado deste escritor sente-se atraído por quanto de característico e intensamente sentido sobressai, com romanescas espontaneidade, da arte, dos costumes, da história, da paisagem, da vida íntima portuguesa.

Sem dúvida, Antero de Figueiredo é um fino artista, finamente orientado, cujos esajeros de visão e sentimento á muito foram temperados pela experiência das viagens e o permanente convívio com as obras culminantes dos grandes autores estrangeiros, mas, sempre que a criação espontânea do artista vence a lógica do escritor, percebe-se o abstracto da sua alma sonhadora indissolúvelmente ligado à atmosfera que envolve as coisas da sua pátria.

É o que, freqüentes vezes e mesmo na trama jeral, julgo descobrir na obra que recentemente publicou sob o título **Doida de amor**.

Nas páginas deste livro emocionante reflecte-se, vibrante, uma alma de mulher estranha e infeliz que recorda, pelo que de mais rejional se observa na sua paixão angustiada e jemente, as velhas eroínas de Camilo, pelo amor engrandecidas e pelo amor levadas ao claustro ou à perdição. O que porém em Camilo é violência e sentimentalismo torna-se em Antero de Figueiredo ponderação e análise. E o autor da *Doida de amor* manifesta-se no seu último livro, como nos *Cômicos* se manifestara, um metucioso dissegador de almas femininas.

Afora a arte suprema da sua prosa, a obra não tem de realidade concreta senão a sua verdadeira e profunda psicologia. Não se atenua em diálogos, não se dissolve em estudos de caracteres secundários, não se exterioriza em quadros de natureza objectiva; mas o romantismo e o idealismo de uma alma de mulher confusamente, artificialmente educada, as contradições, as ánsias, os desalentos e as desilusões desse estado de vibratibilidade amorosa que a vontade e a razão já não podem vencer, a vaporosa tortura dum lento suicídio passional que é como um naufrágio (onde a espaço se ouvem os gritos de socorro e se adivinham nas trevas, ajitando-se desorientadas, as mãos crispadas do naufrago que vai sumir-se na voragem), o que á de egoista e feroz no amor sensual que vence o próprio amor materno e o que á de sacrificio e de abandono na abdicção de todas as vaidades femininas e de todas as convenções sociais: — tudo isso é tratado com um alto relêvo de verdade e emoção, numa harmonia e valorização de detalhes tam perfeita que chega a parecer sobriedade.

Não é qualquer mulher a que aí padece. O temperamento individual rompe, como um protesto, de todas as suas dores. O instinto do amor, brutal e umano, apenas é atenuado, quando não contrafeito, por essa educação cosmopolita que encobre e envolve, como um manto de misérias, anseios e dores da mais diversa multiplicidade. Mas, a par disso, através disso, em tudo se vislumbra um conjunto de qualidades que integram essa mulher desgraçada na grande multidão das portuguesas amorosas.

Fechado o livro, nos cinco minutos em que se recorda a emoção rápida, convenço-me de que está ali uma obra empolgante, da mais lídima beleza, concebida em austos, desesperos, lances de dor criadora, e todavia levada a cabo em um austero recolhimento de espírito, na pacifica serenidade de noites primaveris, sob um luar silente, à beira do mar tranqüilo.

A expressão verbal resume a suprema clareza das obras meditadas. Confissão a meia voz, resignada e dolente. A prosa tem um ritmo brando, quasi uma doçura de prece. É como um óleo de bonança cobrindo fúrias de tempestade. E está para mim, justamente nesta realização sóbria e serêna, o maior encanto da *Doida de amor*.

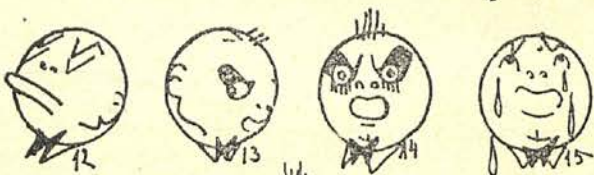
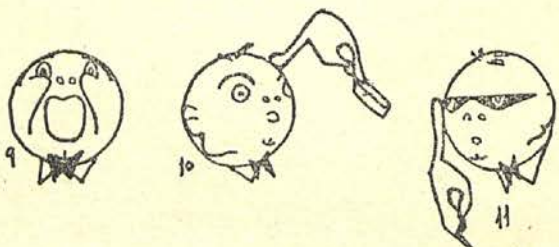
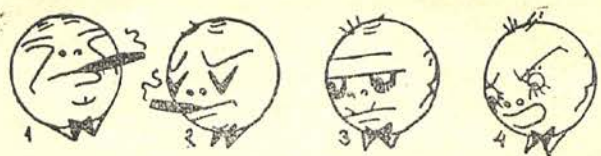
*
* *

O **Auto das Quatro Estações** de António Correia de Oliveira é um maravilhoso poema, dos mais belos da lingua portuguesa. Traduzindo uma idea, ou antes uma aspiração, recorta-se em simbolos; e toda a obra se divide em quatro quadros, correspondendo cada um deles a uma estação, ao mês que a sintetiza, à ora que melhor a traduz.

O primeiro é, na Primavera, uma manhã de abril. Dois namorados, João e Maria, trocam impressões, confessando o seu mútuo amor numa linguagem de enlêvo, embaladora e estática. As visões da vida diferem nos dois: porque ele é filho de plebeus, oriundo das montanhas, ansioso e fegoso como a terra, condensando em si a natureza incessantemente renascente, representando o futuro; porque ela é filha de nobres, oriunda do mar, fresca e suave tal a água clara, deixando desfalecer em si — como ondas que se quebram — os privilégios das jerações passadas, do Passado que ela mesma representa. Ele é a acção, ela a meditação. Ele é o Espaço, ela é o Tempo. Tam diversos seres só o amor, que vence tempo e espaço, poderá unir e integrar na vida. Assim a pátria portuguesa, terra noivando com o mar, só pelo amor poderá ser salva da morte inglória; e o filho que do amor e da união dos dois vier será o Portugal renascido, alegre e forte. Sorri para o sol, na paisagem, essa manhã de esperanças; e os seres umildes — que pelo espaço possuem a experiência da terra e da vida — mendigos, pastores, caminhantes, romeiros, soldados, emigrantes e cavadores resumem em quadras as impressões que as coisas esternas nêles determinam.

O segundo quadro é, no Estio, um meio-dia de agosto. Casados, João e Maria cantam as alegrias do amor e do trabalho, o apêgo à terra que por esse amor e por esse trabalho se transforma e cria. Uma esperança alada brilha nos olhos úmidos de Maria, uma inerjia ardente rompe dos anseios de justiça de João. O amor tudo unifica alargando e harmonizando a visão interna. Filosoficamente o cavador faz observações e o tio Visão, profeta cego, anuncia o ressurgir da pátria pela acção de um "filho eróico do povo". É então que Maria sentindo-se grávida o diz a João, enlaçando-se ambos num abraço estreito no momento preciso, em que "no sino grande da Igreja batem as doze badaladas, do meio-dia, da ora criadora desse glorioso e quente dia do estival agosto.

O terceiro quadro é, no Outono, um entardecer de outubro. Comentam a vida os vindimadores e as crianças da escola. João já vai colhendo os frutos do seu labor. Dois filhos nasceram, Manuel e Maria da Luz, a enerjia que tem de lutar, a candura que deve suavizar. Nesse crepúsculo outonal, o quadro familiar tem uma suavidade relijiosa de iniciação. É a ora do recolhimento indeciso, dos sonhos e das aspirações. Á pátria se di-



- 1—Teem-se visto fortunas obtidas com o jôgo...
 2—Vá lá um conto no 13.
 3—Já estou arrependido de ter jogado no 13...
 4—24 !— Perdido!
 5—Devo jogar outra vez? que lhes parece?
 6—Teem-se visto fortunas...
 7—(O protagonista não fala porque perdeu a dita).
 8—Querem ver que ganho?
 9—Apre! até que enfim!
 10—Estou rico, mas poderei ser riquíssimo.
 11—Está-me cá dentro uma coisa a dizer que não joguel!
 12—Sempre jôgo e no 15. Teem-se visto fortunas...
 13—Faz-me tonturas a roleta!
 14—(O protagonista perdeu e resolve matar-se).
 15—(Despede-se dos amigos e da esposa).
 16—Pum!

ríje o pensamento do pai feliz; e a pátria não poderá morrer enquanto guardar nos braços, como Maria guarda seus filhos, crianças preparadas para vencer e amar.

O quarto quadro, é, no Inverno, a véspera de Natal, quasi à meia-noite. A família e os criados aconchegam-se ao lar. Está posta a mesa para a ceia tradicional. Contam-se istórias. O cego interpreta a vida em frases luminosas porque

Não tem os olhos da cara
 Mas tem os do coração.

Propõem-se adivinhas populares. E Manuel, coração de poeta, braço de operário, cérebro de pensador, evoca as sombras do Passado português, relata os crimes e as prepotências da Cidade, que absorve as forças da Terra-Mãe, e mostra a necessidade de voltarmos à Natureza e de com ela nos identificarmos pelo trabalho e pelo amor.

A Fome? A Sêde? Águas do mar passadas!
 O franco e honesto riso da Abundância
 Espelha-se no rosto das enxadas.

Tal é materialmente o livro: um encanto de factura e de emoção, símbolos que palpitam como corações amantes, cruz onde padece e donde ressurje uma esperança para Portugal.

António Correia de Oliveira parece-me, na actualidade, o mais profundo emotivo lírico português. O sonho, a brandura, a injenuidade, o ardor e a melancolia da nossa raça são nêle sentidos e por êle traduzidos com uma espontaneidade e uma harmonia inescrivíveis. Outro poeta ouve no nosso tempo que resumiu em lindos versos tristezas e saudades de Portugal. Foi António Nobre, *lusiada* de sacrifício, nauta absorto, que conseguiu avistar, entre névoas, as *ilhas encantadas* do lirismo nacional.

Pelo mesmo crivo de impressões se coam os versos de ambos. Anto porém isolava-se, separava-se do meio, absorvia-se: era um monje tímido rosando as suas mágoas numa crepuscular meditação, e passando por entre os outros intanjível, alheado e só... Mais sociável, menos retraído, unido ao seu meio, Correia de Oliveira atinje nos seus versos uma profundidade de sentir e conceber que toca as mais fundas raízes da alma portuguesa.

Nêle o veio do lirismo sobe, naturalmente, do que de mais intrínseco brota do sentir nacional para o que de mais espontâneo une o coração à inteligência umana, à própria natureza mesmo.

E um poeta representativo, profundamente idealista, quasi rústico, mas filho da nossa raça, nosso irmão. Dentre o que nós sentimos, traduz o que desejaríamos traduzir; e todo o seu maravilhoso poema nos surge como um crepúsculo tornado alvorada, sem iatos, sem crises de forma ou cor, admiravelmente adequado ao indeciso e ansioso estado-de-alma em que foi concebido e realizado. Forma translúcida, forma aérea e vaga, mais de ideias, mais de sentimentos que de expressão... Todavia os versos seguem, coeantes e frescos, como um veio de agua clara, porque realmente nascem do mais fundo veio da expressão popular, e sobem, sobem, como sobe ao ar esparso o fumo das chaminés dos casais aldeãos, para a jeneralização suprema e sintética que abranje e condensa todas as continjências, todas

as mágoas... Obra imorreioira, alto documento do lirismo português! Mais tarde, quando a crítica literária tiver catalogado os valores do momento actual, o livro *Auto das Quatro Estações* de Correia de Oliveira será lido e admirado, não apenas como uma realização de sonhada beleza mas, como a expressão mais genuína e clara dos anseios e esperanças que neste período constituem, por assim dizer, a respiração astral da raça portuguesa.

*
* *

Sob outro ponto de vista, Afonso Lopes Vieira, um finíssimo poeta de *nuanças* e impressões, encontra no sentimento popular e na feição trovadoresca da primitiva literatura nacional sugestões para os seus lindos versos; e merece uma cuidada atenção pela acuidade do seu talento de detalhe e assimilação, pelo seu escrupuloso labor de esteta, pela técnica progressiva da sua felicíssima realização. **Canções do Vento e do Sol**: eis o título da última obra do singular artista; e, na verdade, não conheço título que melhor possa traduzir a variabilidade e os fulgores desse conjunto de poesias que são jóias de arte pura, filigranas policromas do mais subido valor. Este livro é como uma lente biconvexa por meio da qual a natureza se focaliza mais amorável e pequenina. O poeta absorve, assimila e refracta o que vê e sente. É o intérprete da paisagem, das coisas e dos seres, do que define e caracteriza o canto da Terra onde reside: um coração que palpita e uma boca que exprime a vida do que não tem voz. As suas poesias sugerem sons e impressões, analogias, *correspondências*, ânsias indizíveis, sorrisos que mal se esboçam: o laço imponderável e misterioso que prende o indivíduo ao meio que o rodeia...

Curtas e leves, as poesias das frescas e riosas *Canções* são como brancas ou irisadas borboletas voejando entre as verduras olorosas dum jardim. Lê-las é amá-las, decorá-las, repeti-las lentamente como quem sorve, a golos inteligentes, um licor precioso, feito de sucos e essências naturais. Á uma sã alegria neste livro onde a vida inerte das coisas, dos minerais mesquinhos, das forças da terra, se transmuda em sons e sugestões; e, se por vezes a contemplativa melancolia ou a piedosa ternura, como um óleo doce e brando se entorna, se derrama sobre a agudeza e a amargura dos espinhos e das dores, logo um sorriso de alada ironia vem temperar a sensibilidade que se queda e esquece...

A factura é superior. Dificilmente se encontrará ritmo tam maleável e macio, que tam bem se ajuste à idea a exprimir ou ao sentimento a comunicar. O poeta aproveitou os metros mais genuinamente populares e soube combiná-los com os que na tradição literária portuguesa melhor se amoldam à indole dos poematos que compôs. No «Auto das badaladas» a estrofe que representa o tocar dos sinos é onomatopáica:

Ouvi: eu planjo, eu planjo as badaladas!
Tombam, compassadas, tombam,
lágrimas érnas, tombando
sobre as almas alarmadas
esutando...

A «Dansa do vento», que começa, definindo e imitando:

O vento é bom bailador,
baila, baila e assobia,
baila, baila e rodopia
e tudo baila em redor!

é uma verdadeira obra-prima, como o «Canto da rôla» que aqui saiu, inédito e em sua forma primitiva, no segundo número da *Límia*, como «Pêgadas na areia», «Elojio da Neve», e outras ainda...

Para mais, Afonso Lopes Vieira é um artista sedento de perfeição plástica. Desde o *Poeta-Saudade* até às *Canções do vento e do sol*, a progressão é crescente e está ficsada modelarmente, em trechos da maior beleza. As fórmulas arcaicas da lingua e do dizer popular revivem e remocam ao sabor da sua inspiração; as combinações métricas, assonâncias e aliterações, admiravelmente adaptadas ao assunto, tornam-se doces, emotivamente musicais, duma grande suavidade; e mesmo em certas composições as asperezas vocabulares desaparecem como se aos versos os envolvesse um flúido vaporoso expandindo-se em espirais ternos e fugazes, voltas de fumo esparso e ligeiro...

Mais naturalista que místico, Lopes Vieira recebe do meio a emotividade que o faz vibrar; mas nos seus versos fundem-se as esalações da terra, a aparência e a mobilidade dos seres, o que é nacional e local com essa inteliência indefinida e augusta que circula no mundo e unifica o que é diverso iluminando o que é obscuro. Eis um poeta português que, assimilando a raça portuguesa, vive e sente a vida universal.

... E nada mais agora sei dizer...

(a concluir)

JOÃO DA ROCHA



Registam-se todas as publicações recebidas. Das obras de que sejam recebidos dois exemplares, dar-se-á noticia critica.

Comptes-rendus sur les livres paraisants soit en langue portugaise, soit en tout autre langue, pourvu que deux exemplaires en soient envoyés à la redaction.

40. — ANTERO DE FIGUEIREDO — *Doída de amor*, novela. 207 pág., 19x12, br., Lisboa, 1910. (Livreria Ferreira, Editora, rua do Ouro, 132).

41. — ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA — *Auto das Quatro Estações* — 210 pág.,

20x13; br., 700 réis. Lisboa, 1911. (Livreria Editora Cornadas e C.a, Rua Aurea, 190-192).

42. — AFONSO LOPES VIEIRA — *Canções do vento e do sol*. 165 pág., 19x13; br., 600 réis. (Tip. "A Editora", — Conde Barão, 50, — Lisboa.

A estas três obras refere-se o artigo Livros do presente número da LIMIA.

43. — MANUEL DA SILVA GAIO — *Torturados*. 415 pág., 19x12; br., 700 réis. Porto, 1911. (Livreria Chardron de Lelo e irmão, editores. Rua das Carnelitas, 144).

44. — ALFREDO DE MESQUITA — *Alfacinhas*. 200 pág., 20x13; br., 200 réis. Lisboa, 1910. (Parçaria António Maria Pereira, livreria editora, rua Augusta, 44 a 54). E' o n.º 75 da "colecção Antonio Maria Pereira.

45. — JOSÉ DE FIGUEIREDO — *Arte portuguesa primitiva*. I. *O pintor Nuno Gonçalves*. 158 páj., 28x22; br., 1\$500 réis. Lisboa, 1910 (Tip. do Anuário Commercial, Praça dos Restauradores, 27).

46. — NARCISO C. ALVES DA CUNHA — *Paredes de Coura*. 594 páj., 22x15; Cart., Porto, 1909. (Tipografia do *Porto Médico*, Praça da Batalha, 12-A).

A estas quatro obras referir-se-á o artigo *Livros*, no próximo número da LIMIA.

47. — SANTOS FARINHA — *Egreja livre*. Conferência realizada em 12 de fevereiro de 1911 na *Sociedade de Geografia*. 35 páj., 19x12; Lisboa, Cernadas e C.ª 1911.

Defende a separação da Igreja do Estado, querendo a Igreja livre mantida pelos crentes e só para os crentes. Nos limites do catolicismo, esta conferência trata do assunto de um modo jeral e não faz referências especiais nem mostra conhecer detalhes da lei republicana de 20 de abril de 1911. É uma coisa anódina, mostrando uma expectativa benévola, sem compromissos maiores.

48. — FIDELINO DE FIGUEIREDO — *A Educação Futura na Democracia Portuguesa*. Conferência. 22 páj., 18x11, 100 réis. Lisboa, Cernadas e C.ª, 1911.

Com grande concisão e clareza o conferente aponta os defeitos da educação portuguesa e a necessidade urgente de remodelar o ensino adaptando-o ao desenvolvimento integral do indivíduo e ao ideal social que deve orientar—a nossa democracia. É um trabalho que merece toda a atenção, majistralmente deduzido.

49. — PIMENTEL CORDEIRO — *O Povo e a República*. 5 de outubro de 1910. 33 pag., 19x12. 200 réis. Lisboa, Cernadas e C.ª.

Feixe de poesias comemorando o dia de glória em que foi implantada a República em Portugal. Versos frouxos e banais, feitos de instinto. Nada tem que se aproveite, senão a intenção.

50. — PAULINO DE OLIVEIRA — *Auto do Anno Novo. As Quatro Estações*. 49 páj., 19x13, (Casa editora: Para as Crianças, Setubal e Lisboa). 1911.

O Auto do Anno Novo divide-se em dois quadros, o segundo dos quais, de melhor realização que o primeiro, ainda fica prejudicado pelo insóssido monólogo do *Tempo*, intitulado "Saudação ao Sol", evidente reflexo da espalhafatosa apóstrofe do *Chantecler* de Rostand. "As Quatro Estações", são quatro árias de sanfona acompanhadas por uma dança de roda a pedir dê-reizitos.

Em todo o livro encontram-se alguns versos bons e quadras de sabor popular, que parecem espontâneas. No entanto é manifesto o esforço de composição. Em valor absoluto, o "Auto", ainda pode valer como libreto; comparado com os inúmeros autos com que os modernos poetas pejam a literatura nacional tem apenas jus a um condóido *Requiescat in pace*.

51. — REIS CARVALHO — *A Questão do Ensino*. Bases de uma reforma de instrução pública no Brasil. 88 páj., 22x16. Rio-de-Janeiro, 1910 (na tipografia do "Jornal do Comércio", de Rodrigues e C.ª)

É um trabalho feito segundo os ensinamentos da filosofia positiva de Augusto Conte e provando que, no regime republicano, o Estado nada tem que ver nem com as Igrejas nem com o ensino. Proclama portanto a extinção do ensino oficial, pelo menos do secundário e do superior, estabelecendo a liberdade de profissões, condena os doutoramentos e outros privilégios derivados dos diplomas adquiridos até agora nas escolas públicas.

Lógicamente deduzido, este trabalho, embora curto, estuda e desenvolve pontos capitais da mais pura doutrina democrática e, conquanto especialmente se refira à *Constituição* brasileira, deve impor-se à atenção dos bons republicanos portugueses. É para nós uma obra actual.

52. — QUERUBIM DO VALE GUIMARÃES — *Herculano jurisculto*. Discurso proferido na sessão solene realizada pela Câmara municipal de Aveiro, no dia 28 de abril de 1910, em homenagem a Alexandre Herculano. 48 páj., 21x13, 120 réis. Aveiro, 1910 (na tipografia "Minerva Central").

Depois de ligeiras reterências à vida e à obra de Herculano, o autor mostra os conhecimentos da ciência do direito que o eminente istoriador possuía e isso fá-lo,

embora sumáriamente, com segura proficiência.

53. — ALBERTO MONSARAZ — *Sol criador*. 1909-1910. 190 páj., 22x15; br., 800 réis. Lisboa, 1911. (Livreria clássica editora de A. M. Teixeira e C.ª)

Terá referência especial em um dos próximos números da *Límia*.

54. — BIBLIOTHÈQUE UNIVERSELLE ET REVUE SUISSE. n.º 182. Tomo LXL. Fevereiro de 1911. Lausanne, (Bureau de la Bibliothèque universelle, place de la Louve, 1). Assinatura para a União postal: 25 francos por ano, 14 francos por semestre ou 2 francos por fascículo. Chefe de redacção: M. Ed. Rossier. Administrador: M. A. Vulliamin.

Esta reputada e antiga revista insere, entre outros artigos, um estudo sobre Antero de Quental feito pelo grande escritor suíço sr. Verjilio Rossel, advogado de Portugal na arbitragem do Caminho de Ferro de Lourenço Marques. A *Límia* não publica senão inéditos mas, abrindo excepção, em homenagem ao crítico e ao poeta, e para que os leitores que o desconhecem possam avaliar esse trabalho, publicará no próximo número, em sua língua original, que é a franceza, o interessantíssimo estudo do sr. Verjilio Rossel.

55. — OFFICIO DO BISPO DE COIMBRA AO EX.º PRESIDENTE DO GOVERNO PROVISÓRIO DA REPÚBLICA ACERCA DO THESOIRO DA SÉ DA MESMA CIDADE. 9 páj., 24—18. Editor F. França Amado, Coimbra, 1911 (Tip. de Araújo Pinto e Teixeira de Abreu).

Descrevendo as divisões e as peças principais do museu da Sé de Coimbra, que é um dos mais notáveis da Europa, o reverendo bispo pede ao governo a conservação desse museu, como centro de arte da região, lembrando que para ele devem ser conduzidas as peças de valor encontradas nos conventos daquêle distrito e dos limítrofes e pedindo a protecção do Estado para esse repositório de iniciativa particular. O officio está escrito com grande sinceridade e isenção.

56. — A. AUGUSTO GONÇALVES e EUGÉNIO DE CASTRÓ — *Noticia his-*

torica e descriptiva dos principaes objectos de ovesaria existentes no thesoiro da Sé de Coimbra. 47 páj., 24x18; Coimbra, 1911. Imprensa académica (F. França Amado, Editor).

A esta notícia se refere o officio atrás rejistado. O belo trabalho dos dois notabilíssimos artistas é illustrado com preciosas gravuras e escrito com um rigoroso cuidado e uma inexcedível precisão técnica. Obra perfeita, sob qualquer ponto-de-vista que se considere.

J. da R.

*

57. — RAUL DE OLIVEIRA SOUSA LIAL. *A situação do estudante em Portugal*. Conferência preparatória do Grande Congresso Nacional, realizado na "Liga Naval Portuguesa", em 23 de março de 1910, para apresentação do relatório da "Sociedade Científica de Lisboa". 35 páj., br. Lisboa, 1910. (Tip. de J. F. Pinheiro, rua do Jardim do Rejedor, 39—41).

Mostra o autor possuir muitos e variados conhecimentos que espõe sem elegância de frase e amêde confusamente.

58. — AMÁLIA DE QUEIROZ — tradução do drama *Abas Inimigas*, de Paulo Hyacinthe Loison. 157 páj., br. 200 réis. É o n.º 17 da *Biblioteca de Educação Nacional*. Lisboa, 1911. (Edição da Tip. de Francisco Luis Gonçalves, rua do Alecrim, 80-82).

Acertadíssima foi a escolha do bela obra de Loison para a *Biblioteca de Educação Nacional*. É um trabalho moderno, perfeito, orientador, moral, onde todos, a todos os respeitos, muitíssimo tem a aprender. Não é porém do primoroso drama de P. H. Loison que compete agora à *Límia* falar. É da tradução.

Acostumados à praga de tradutores baratos que sem escrúpulo atiram para aí, — mediante editores como elles, — caricaturas repugnantes de traduções, — estranha-se já o aparecimento de uma tradução como a presente.

A sr.ª D. Amália de Queiroz, que já no prefácio à sua tradução se mostra inteli-jente e culta, traduziu com cuidado e com conhecimento das línguas, revelando notáveis qualidades de escritora.

C. B.



“Ridiculeza,,

Uma vez que eu empreguei, num periodico de Viana-do-Castelo, o vocabulo “ridiculeza,, — o caso fez o espanto dos critiquetes...

A formação do vocabulo é naturalíssima: *ridiculeza*, como *limpeza*, *estranheza*...

A par de “ridiculeza,, à “ridiculez,,. Temos, pois, de “ridiculo,, — “ridiculeza,, e “ridiculez,, como de “nu,, — “nuez,, e “nueza,, ou “nudez,, e “nudeza,,.

Assim findaram aquellas ceremonias. Havemos de alunchal-as de ridiculas, quando expurgarmos a nossa religião d’outras que sobreexcedem aquellas em ridiculez.

Camilo, O JUDEU, Porto, 1866, 1.º vol., pág. 135

“Como quer que seja, terminava Francisco Xavier escrevendo a Antonio José da Silva — sahe d’ahi, vem para este grande mundo, onde ha ridiculezas deste tamanho ;... ”

Idem, *ibidem*, 2.º vol., pag. 142

“Ridiculez,, é incluído no *Dic. Orthog. e orthog. da Ling. Port.* (Lisboa, 1909) do sr. A. R. Gonçalves Viana e em o *Novo Dic. da Ling. Port.* (Lisboa (1899) do sr. Cândido de Figueiredo. Neste último, vem (no supl.) *ridiculeza* como *prov. beirão*. Não é assim que deve ser registado, pelo que se vê.

Nos casos de “ridiculeza,, está “absurdeza,, que já vem no *Sup. ao Novo Dic.*

Ora, se Francisco Xavier sahio viuvo de Lisboa em 1734, e passou a segundas nupcias em Austria, seria absurdeza irrisoria dizer-se que elle casou segunda vez em 1733,...

Camilo, O JUDEU, 2.º vol., pág. 136

A Mistral

Recebemos, elegantemente impresso, um soneto do sr. Xavier de Carvalho com a tradução em francês pelo conhecido lite-

rato Achille Millien, membro-correspondente da *Academia das Ciências de Lisboa*. É a omenagem dos poetas portugueses, por ocasião da inauguração do busto de Mistral em Sceaux.

Eis o soneto português :

Provence toda em flor, luminoso Meio-Dia !
Terras cheias de sol, repletas de perfumes,
Romantico paiz de languidos queixumes,
Mystica região de sonhos e poesia :

Cerene de rosas d’oiro o Poeta ! N’este dia
Não ha gritos de dôr e amargos azedumes...
Cobre-se o amplo azul de scintillantes lumes
E vibra a terra inteira em ondas de harmonia.

Ultimo trovador do Meio-Dia florido,
Derradeiro cantor do Sul enternecido:
Saudám-te os irmãos do nosso Portugal.

A alma de Mireille illumina teus cantos :
Ha nos teus versos: luz, trinos d’aves e prantos...
A tua Muza é santa, oh divino Mistral.

E a sua tradução :

O Midi de lumière, ô Provence fleurie,
Romantique pays des languides chanteurs,
Région parfumée, et du soleil chérie,
Sol mystique ou sont nés les Rêves enchanteurs:

De roses d’or ceins ton Poète! Heure bénie ;
Plus d’accents douloureux ni d’amères clameurs!
Le vaste azul éclate en magnifique splendeurs,
La terre entière vibre en ondes d’harmonie.

O dernier Troubadour da Midi tout en fleur,
Le Sud ému t’acclame, ô suprême chanteur ;
Chacun des Portugais, tes frères, te salue.

L’âme de ta Mireille illumine tes chants
Ou tout est clarité, cris d’oiseaux, appels touchants
Et ta Muse est, Mistral, divinément émue !

Quadras do povo

Troquei os meus olhos pretos
pelos teus acastanhados ;
agora todos me chamam
Amor dos olhos trocados

Se os beijos pusessem nódoas,
quantas tinhas no teu rosto !
mas os beijos não põem nódoas,
são dados com todo o gosto.

Eu ei de amar uma pedra,
Deixar o teu coração,
porque a pedra não se queixa,
tu queixas-te sem razão.

[Arcosa (Viana)]

C. B.

LIVRARIA E PAPELARIA PORTUENSE

— DE —

Lopes & C.^a - Successor

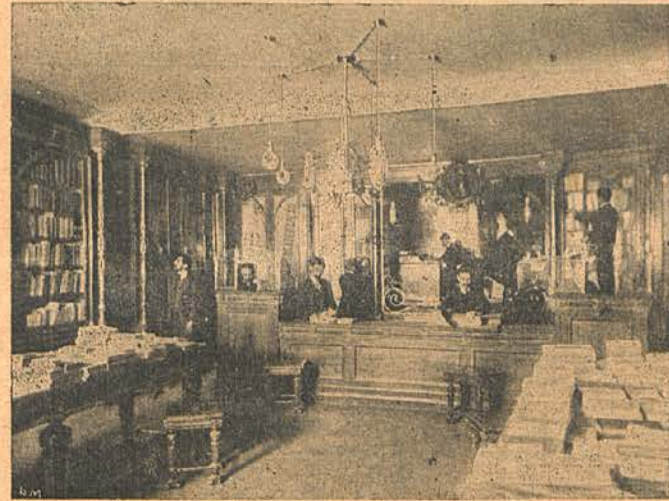
119 — Rua do Almada — 123 — 1 — Rua da Fábrica — 13

— PORTO —

Esta casa é a preferida por todos os Surs. Professores e Estudantes, para compra de livros, tanto literários como de estudo, em virtude de nela encontrarem a maior variedade e o maior sortimento.

— ALGUMAS SECÇÕES DESTA CASA : —

Livraria — Papelaria — Oficinas de encadernação — Oficinas de tipografia —
Officinas de material escolar — Objetos d’escritório e pintura



Remessa de catalogo grátis a quem o requisitar

Apenas em todo o país e no estrangeiro

SALÃO de VENDAS da Livraria LOPES & C.^a - Successor

NOVA AJENCIA MARÍTIMA DE DOMINGOS DA SILVA BRAGA

Passajens para todos os portos da América e da Africa

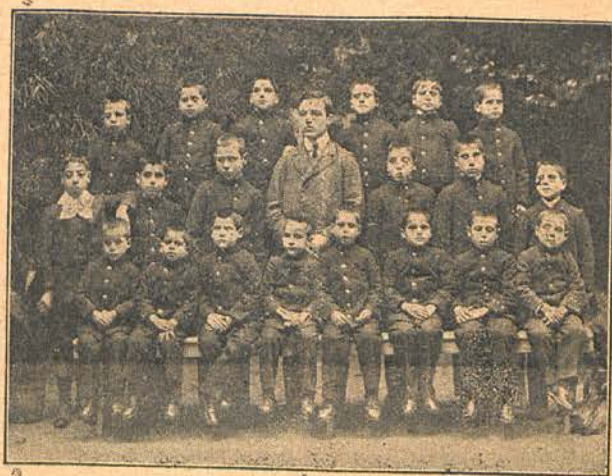


Rua de S. Sebastião, 229 — VIANA-DO-CASTELO



INSTITUTO DE CEGOS DO PORTO

Rua Ferreira Cardoso, 103—Campo do Cirne
DIRECTOR: Miguel Mota



Pode ser visitado todos os dias úteis das 2 às 4 da tarde

LIVRARIA ACADÉMICA

DE **MOURA MARQUES**

RUA FERREIRA BORJES, 171
COIMBRA

Esta casa, fundada em 1900, tem sempre as mais recentes novidades literárias e científicas, portuguesas e estrangeiras, recebendo diariamente pelo correio as novidades de maior interesse, para o que tem correspondentes em todos os países da Europa.

Satisfaz de pronto toda e qualquer encomenda que lhe seja feita de livros ou jornais científicos e literários, aceitando assinaturas para toda a qualidade de periódicos e revistas.

Responde na volta do correio a qualquer pergunta que lhe seja dirigida.

Compromete-se sempre pela execução jeral de todo o serviço de livreria, pois que nada é executado sem que préviamente seja verificado e autorizado pelo proprietário.

Todos os meses fornece Bibliografias aos seus clientes e a quem lhes requisite.

Para todos os esclarecimentos, pede-se a fineza de se dirigirem à **LIVRARIA MOURA MARQUES — Coimbra**

BAZAR COUTO VIANA

Única casa onde se encontram POSTAIS com vistas, trajos, monumentos e costumes de VIANA e do MINHO. Sortido completo de papelaria, louças, cristais, quinquelharias, etc. — **Praça da República, VIANA-DO-CASTELO.**

Papelaria e tipografia **MODELO**

RUA DOS MANJOVOS (a vapor)
VIANA-DO-CASTELO

O estabelecimento grafico mais bem montado da provincia

Impressões em todos géneros :: :: Execução rápida, nítida e artistica :: ::

Serviço especial para a provincia ARTIGOS DE PAPELARIA

Fornecimento em condições de barateza

Cartões de visita reclamo a 150 réis o cento. Preços sem competencia

Consultorio de Medicina e Cirurgia

R. DE JOSÉ FALCÃO, 30-1.^o
(Antiga rua de D. Carlos) — PORTO

Verjilio Ferreira

Consultas das 11 ás 2
Residência — R. do Eroísmo, 338

Ribeiro Seixas

Consultas da 1 ás 4
Residência — Largo do Laranjal, 2-2.^o

“Varões assinalados,,

publicação humoristica quinzenal a cores

O mais luxuoso e artistico jornal de caricaturas que se tem publicado no pais.

Caricaturas de FRANCISCO VALENÇA

Artigos dos mais espirituosos escritores

PREÇO 60 RÉIS

Assinatura por série de 12 n.os 720 réis. | Administração: R. N. DO ALMADA, 36-3.^o

LISBOA.

FOTOGRAFIA FILGUEIRA

Trabalhos em todos os géneros, arte, perfeição e conservação garantidos.

• • • R. S. SEBASTIÃO • • •
VIANA-DO-CASTELO

FITAS

PARA

Maquinas de escrever

Baratissimas e da melhor qualidade

VENDE-AS

Vitor M. Martins Júnior

Rua do Bonjardim, 568
PORTO

“REPUBLICA,, DIRECTOR

Dr. Antonio José d'Almeida

Diario da manhã de grande informação

Redacção, administração e tipografia

CHIADO, 48 — LISBOA

TELEFONE N.º 2820

Officinas de impressão e venda

105, R. da ATALAIA, 109 — LISBOA

Material para tipografia

PEDRO JOSÉ LIMA

Rua do Correio, 52

PORTO

Representante de diversas fundições de tipos e máquinas

Deposito de material branco, tintas, massa para rolos e todos os pertences para as artes gráficas.

LIVRARIA ACADÉMICA E RELIGIOSA

de **ELISEU G. PREZA**

Viana-do-Castelo

Grande quantidade de livros de missa; religiosos, etc. — Papelaria e objectos de escritório. — Assinaturas de todos os jornais de modas. — Encadernações e bilhetes de visita. — Músicas, estampas e objectos de piedade e devoção. — Compra e vende livros antigos e usados.

CONTEM PORANEIA

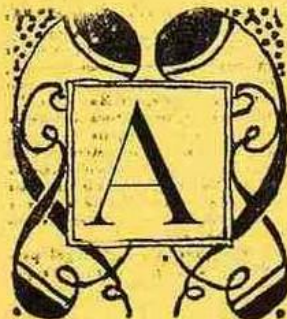
1.º SUPLEMENTO

Fundador, director e editor: José Pacheco

Propriedade: Edições Contemporaneas
Composta e impressa na Imp. Libanio da Silva



Os Mortos da Geração Nova



que de dentro das situações officiaes fecham a porta ao

Não acusámos o destino, porque da sua excessiva tortura surgirá a maior força da geração. Mas acusámos os que pessoalmente colaboraram na nossa dor e no assassinato dos nossos irmãos. Acusámos, sobre tudo, os que tinham o dever de auxiliar a eclosão do grande período de esplendor português, que é o nosso, o da nossa geração, e, ao contrario, a nós se opposeram tenazmente. Acusámos os que se serviram das situações literarias adquiridas para lançarem sobre os novos do momento revolucionario do «Orfeu» a suspeita de desequilibrio.

Acusámos os velhos, que por espirito de defesa bruta, vedaram todas as situações aos novos — e a alguns negaram o pão, levando-os á morte. Acusámos o ambiente social que não encuraja os valores; que, ao contrario, tenta escorraça los, amesquilha-los — ou mata-los pela asfixia lenta.

Hoje que começámos a congregar-nos e a tomar consciência do nosso valor, e do nosso dever, cumpre-nos lembrar com saudade e reconhecimento os mortos da geração nova — os nossos mortos.

Mário de Sá Carneiro

Mário de Sá Carneiro foi um dos mais altos criadores do momento revolucionario da geração nova. O seu espirito parece ter sido criado de proposito para o seu destino de renovador, de revolucionario, de adaptador extremamente sensível das mais modernas correntes literarias. A uma intelligência e sensibilidade imensas juntava uma cultura e um espirito de assimilação excessional. Podia renovar de ritmos e sobre tudo de attitudes sensíveis ante a vida e as coisas, de uma sensibilidade ingénua e doce, quasi mecnica; prosador que modificou a estrutura da prosa; grande e perfeito novelista, analisador de psicologias.

Levaram-no ao suicidio, mas não á falencia do seu sonho de renovação e beleza. Porque da sua vida ficam um belo livro de poemas e algumas das melhores novelas da literatura portuguesa.

E esta nobre alma do revolucionario, de renovador, de poeta criador, foi torturada e troçada, até que procurou na morte o sono, o sono completo e infundavel, pelo suicidio.

Guilherme de Santa Rita

Espirito brilhante, espirito scintillante, puro espirito. A sua obra na geração nova foi realizada pela sua presença, pela sua forte acção pessoal. Não deixou uma obra material porque da época revolucionada, desagregada, toda teoria abstracta, que foi a sua — a época do «Orfeu» — ele foi um dos mais apaixonados combatentes. Accionou pelo espirito, pela graça e pela intelligencia — não teve tempo de fazer uma obra material. Ha épocas assim, de tal violencia na renovação espiritual que sacrificam alguns dos seus melhores valores. Mas nenhuma novo deixará de lembrar a figura de Santa-Rita-Pintor, a sua intelligencia e a sua acção sobre a psicologia da geração nova.

«Não é um pintor é um pedaço de arte» disse-se dele.

Amadeu de Sousa Cardoso

Amadeu de Sousa Cardoso pertence ao grupo dos mais avançados teóricos da arte, pintores e poetas, de Paris. Ao grupo de Picasso, de Guillaume Apollinaire. O seu «Album» é ainda hoje considerado em Paris como uma das obras funda-

mentais desse momento. A morte não o deixou aproveitar todas as suas grandes qualidades, uma obra de novo equilibrio. Mas ficará como um dos mais activos demolidores e renovadores da nossa mentalidade artistica.

Manuel Jardim

Foi um pintor que, sobre tudo, marcou pela clareza da sua intelligencia pictural. Não tem talvez nos seus quadros a intenção criadora. O seu poder de crítico, de analisador instintivo das tendências picturais, a maneira quasi analitica como pintava, fazem de Manuel Jardim um dos mais característicos pintores da nova geração.

Os seus quadros são belas analyses inteligentes, interpretações novas de attitudes picturais.

Afonso de Bragança

Afonso de Bragança é, dos sacrificados da geração nova, um dos que mais sacrificados foi. A sua vida e a sua morte são um lento drama de desenganço que ele suportou sorrindo e fazendo sarcasmos. A sua linha de graça e de perfeita elegancia mental nunca se quebrou. Afonso de Bragança veio acrescentar a sua acção á de Mário de Sá Carneiro na transformação da prosa portuguesa — da modernização.

Foi um curioso observador das coisas mínimas da vida, o que lhe dava uma attitude de aparente humorismo — um humorismo, enternecido. Enriqueceu a prosa com imagens improvisadas, simples na sua veracidade. Nem a vida, nem o tempo o deixaram oriar um livro. Deixou apenas pedaços isolados de prosa, de uma grande novidade de expressão. Lembremos, tambem, que o artigo que apresentava a primeira serie da «Contemporanea» foi escrito por ele e definiu bem esse momento de transição entre o período revolucionario e o período criador de hoje.

Armando Basto

Pintor instintivo, com todas as qualidades e defeitos de um instinto poderoso que domina o equilibrio da vida. Armando Basto tinha o instinto da materia pictural. Foi lesguido, incerto, diverso, nos seus quadros, porque era a propria materia pictural que arrastava o seu instinto para o que lhe interessava. Não é um defeito para aqueles que começam a hesitação, a diversidade, a acceitação de influências estranhas. Armando Basto era um grande e instintivo adaptador de qualidades picturais. Deixa como Manuel Jardim uma obra dispersa e que como a daquelles só em conjunto, depois de reunida, poderia ser analisada com verdade.

O destino perseguiu-o de todas as maneiras e levou-o á

PRESIDENTE DA REPUBLICA



A «Contemporanea» tem a maior prazer em publicar em sua 1.ª e 2.ª paginas, a biographia dos seus colaboradores, em especial dos seus colaboradores mais importantes. Para isso, pede-se aos seus colaboradores que, ao escreverem para a revista, indiquem o nome do seu artigo, a data da publicação, e o nome do seu endereço. A «Contemporanea» não se responsabiliza por danos de qualquer natureza que possam resultar da publicação de artigos, e não se responsabiliza por danos de qualquer natureza que possam resultar da publicação de artigos.

morte, como a tantos outros, antes mesmo daquela idade em que a capacidade criadora é perfeita.

Angelo de Lima

Nos sacrificados da geração nova há os que foram assassinados pela fome, os que foram assassinados pelo desprêzo, e os que foram assassinados pela loucura. Angelo de Lima foi assassinado assim, pela depressão nervosa, pela dor mental, com que o levaram a um manicómio e ali arrastaram a sua agonia até ao socorro da morte.

Já internado no hospital ainda publicou no «Orfeu» alguns poemas em que há algumas, raras mas fortes, notas de beleza. A sua tortura de lento enlanguescimento disse-a num soneto que é dos grandes sonetos da lingua portuguesa. A sua obra desapareceu ou dispersou-se inteiramente.

Ponce de Leão

Embora não pertencesse ás correntes modernistas, agitadas, revolucionarias, acompanhou sempre no combate os mais futuristas da geração nova. E acompanhou-os naturalmente, instintivamente, porque no teatro português de então o seu espirito de dramaturgo era realmente revolucionario. Ponce de Leão foi um dos novos dominados pelo prestigio ibseniano e pela directa influencia dos «Espectros» que criou a peça de texto medica, de patologia, de fatalidade fisica dominando o individuo. Desta fase influenciada, mas sem mesquinhez, fase preparatoria de algum que poderia vir a ser um grande dramaturgo, há ainda inéditas muitas peças além de uma publicada. Impedido de triunfar na vida pelo meio inimigo que se fechoa ás suas representações, continuada a ser hostilizada na morte. Os seus originaes que poderiam marcar uma interessante fase de transição do teatro português, estão talvez perdidos.

Eduardo Metzener

É um lirico de intimo romantismo cuja alma se relevava capaz de colaborar na nova geração.

Marcou curiosamente o momento de excesso sentimental que dominou o nosso espirito literario.

Alguns dos livros de Eduardo Metzener poderão por isso, ficar como a melhor marcação desse momento.

Carlos Franco

Mário de Sá Carneiro foi de todos os mortos da geração nova o que mais marcou pela sua obra — Carlos Franco o que de todos elles mais marcou pela sua attitude consciente de sacrificio e de belo morrer. Espirito de uma intuição assombrosa. Espirito sempre insatisfeito. E a caracteristica fundamental dos momentos de renovação intensificada, revolucionaria, e esta insatisfação que leva a destruir toda a obra e que leva por fim á morte. Carlos Franco atravessou um momento Paris, improvisou-se por genial intuição pintor scenografico e com tal capacidade, que colaborou com Bailly, o grande scenografista da Opera. Mas a insatisfação de criar não o deixava.

Vem á guerra e Carlos Franco, que era fundamentalmente disciplinado e anti-militar, vai morrer na guerra como um heroi. Vai morrer — por insatisfação, por heroismo, por incapacidade de suportar a volta ao meio estúpido que o expulsara. Antes de morrer escreveu: — «sabes como sou anti-militar, mas prefiro morrer de uma bala alemã, a morrer de tédio na minha terra» — Morreu, suicidando-se em espirito, com suprema beleza. Na sua melicia de soldado foram encontrados o «Orfeu» e a «Confissão do Lúcio» de Mário de Sá Carneiro.

Júlio de Vilhena

Foi como Afonso de Bragança um jornalista atirado para a vida e nas suas dificuldades e dores construindo uma nova interpretação das coisas e um novo estilo.

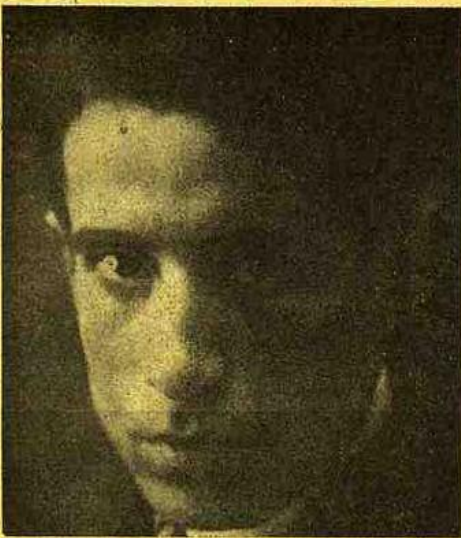
Foi um dos que pela sua afirmação constante de modernismo e de independência mental ajudou a criar o ambiente em que triunfou a nova concepção da Arte.

António Lima Fragoso

Entre os varios modernistas aniquilados antes de realizada a sua obra definitiva e levados pela morte tambem figura o grande temperamento do mistico de António Lima Fragoso.

Foi ele um dos primeiros portugueses a tentar a criação de uma música moderna, nova, liberta da opressão de escolas alheias cuja hegemonia emagava as nossas tendências musicais.

No movimento musical de amanhã o seu nome será certamente lembrado como mereço.



O pintor Carlos Parfiro
Que na sua exposição de pinturas organizada pela «Contemporânea» obteve um extraordinário êxito

se abre ou a sua caneta de tinta permanente. Aparentemente fácil, esgrimindo frases numa eterna *Batalha de flores*.

Não ha desmembramento na sua obra, ha cidades que passam como num éorain.

Alves Martins, cuidou da *Mulher de Bençam* com uma grande ternura lirica.

E', conjuntamente com João Cabral do Nascimento, um sonetista, não classico de grande beleza.

Antonio Botto, é um artista de ritmos novos, que nas *Canções*, marcou nuances de forma que o evidenciam poeta e que nas *Curiosidades Estheticas*, conseguiu dominar com beleza a vida.

Entre os poetas raros, recordo, *Garcia Pulido*. Porque tenho de ser rapido, uma citação equivale a um aplauso.

Ferreira de Castro e Eduardo Fria, um açção e outro sonho.

Reynaldo Ferreira, o maior reporter português, vive inteiramente a hora que passa, consumindo no jornalismo diário o seu talento de novelista.

Julião Quintinha, é um paisagista de tintas fortes que o Alentejo agrilhoou.

José Osório de Oliveira, crítico mordaz e sincero, nutrido grande admiração por *Oliveira Martins e Eça de Queiros*, tem um curioso estudo sobre a *Literatura Brasileira*.

A minha geração possui também um grupo de dramaturgos, alguns já aplaudidos, outros publicados. Cito: *Norberto Lopes e Chianca de Garcia, A Filha de Lazaro; os Emigrantes de Tito Arantes*, uma peça que foi sacrificada antes da première. *Gastão de Bettencourt e Valerio de Rojanto*, este dramaturgo e novelista, cujas *Irenias*, vão entrar em 2.ª edição.

Ha um romancista que não esqueço, *Assis Esperança*. Tem o seu lugar.

Mais. Em Coimbra, a geração nova tem igualmente valores. *João Amiel*, romancista moderno, intenso, que desprezou Lisboa e conquistou o Porto. *Umberto Arayo*, que no seu ultimo livro *Uma pagina antiga, Cartas de Amor*, justificou plenamente a maneira carinhosa como a critica recebeu as suas *Aguias, Victorino Nemésio*, que no *Paço do Milhafre*, profaciado por *Afonso Lopes Vieira*, entrou victoriosamente na literatura vasta dos novos.

Antonio de Souza, é um poeta á maneira de Augusto Gil, que escreve e cultiva com amor a quadra popular.

Antonio Sardinha, historador, poeta, ensaista, é apesar da sua intransigencia historica e do seu odio aos judeus, ainda que evadido das doutrinas franco-naoionalistas de Leon Daudet, um poeta tradicionalista que a Espanha seleccionou, entre os modernos poetas portugueses.

Homem Cristo, filho, colaborador de *Rachilde* e o *Conde Albert Monaraz*, são em Paris, dois valores, que a critica acolheu com alvoroço. *Mussolini*, de *Homem Cristo*, filho, é um estudo politico notavel pelo muito que nos revela sobre o dictador italiano.

Junto *Luis de Almeida Braga e Ferreira Monteiro*, porque os dois pertencem a grupos opostos, que se degladiam, atravex das suas revistas. *Luis de Almeida Braga*, no *Significado Nacional da Obra de Camilo*, mostrou que é um investigador curioso e honesto. E' um livro que não afronta a memoria do *Camilo*.

Murio Saa, investigador, poeta, auctor de varios livros sobre *Camões* e duma conferencia erudita sobre o *Bairro Alto*, é, apesar da sua selvista desorientação mental, um catalogador de ideias. Quando acorda do outro lado julga ter descoberto o mundo. E' um novelista original que o *José Rotatis* denunciou.

José Almada Negreiros, o mais original de todos os modernistas, desenhador, pintor, poeta, escriptor, tem uma obra vasta, que documenta bem todas as nuances do seu temperamento.

Está na primeira fila dos grandes modernistas europeus. *Augusto Santa-Lita*, poeta e dramaturgo, director das *Folhas de Arte*, é um poeta que *O mundo dos meus bonitos*, con sagrou.

Encerro a lista. Ha mais, ha muito mais... Porque este artigo é o primeiro duma longa serie, prometo que logo recordarei os outros.

Oreio que não esqueci nenhum dos que nos acompanham... Sei que os outros estão á minha espera, ao voltar da esquerda, para me agredirem os idiotas...

A minha Conklin está esgotada... Prometo enchê-la para a outra vez.

A. d'E.

CARTA ABERTA de Oswaldo Andra de a Antonio Ferro sobre a arte e a litteratura novas NO BRAZIL

Meu amigo:

Depois do dar balanço ás idéas e expressões de Paris, quer você fazer-me a distincção de perguntar também qual-quer coisa sobre o desconhecido Brasil cheio de flores.

Que Brasil?

O Brasil em Paris? Respondo-lhe já. Tomos meia duxia de artistas aqui, todos correspondendo ás classificações naturalmente feitas em sua *enquêta*.

A pintora Tarsila do Amaral — vanguarda independente — ligando-se aos primeiros cubistas e ao inesquecível e immenso Amadeu de Souza Cardoso, que vocês tiveram. Nacionalista como elle. Será sempre discutida. Orientará a minoria.

O esculptor Victor Brecheret — admiravel de graves qualidades — força — cyclopismo. Tendencia Salon d'Automne — Será o artista official, cumulado de honras.

A pintora Annita Malfatti — a sensibilidade — a poesia fauce. Nossa Mario Laurencia. Possivel. Com outras cores.

O pintor Rego Monteiro — a deformação indigena — a pallidez decorativa. Fojita.

A pintora Angelina Agostini — fortes recursos technicos — obstinada contra os processos modernistas. Salon des Artistes Français.

Queam mais? Tres ou quatro idiotas pensionados pelo governo para borrar telas de azul e amarello e mastigar gesso em Montparnasse.

Alguns interpretes de real merito — Souza Lima, Magda Tagliaferro, Vera Janscopiel.

Essa gente toda — boa e má — amparada pela correção e pela bonhomia de Souza Dautas, nosso activo embaixador, cujo tipo diplomatico nunca por do lado preocupações intellectuass.

E o Brasil no Brasil? Vejo escuro. Effeitos dos fogos deste inverno. Palavra que custo a distinguir. Se vejo pouco, ouço, porém, muito. Ouço, por exemplo, a voz estridula, abelhuda, mexeriqueira do popular academico futurista Graça Aranha, que tem procurado desgraçar a Academia, essa respeitavel instituição *dropica* — se funciona até hoje, no Rio de Janeiro, com o mecanismo do parlamento de D. Pedro 2.º Graça Aranha não se cala, em quanto não for esquarterado. Deve-se isso á sua incoaquavel mocidade de propagandista republicano. Fogoso, irrequieto, impaciente. Uma locomotiva em manobras. Se amanhã as suas formulas futuristas fossem adoptadas por troianos e gregos, faleceria de languido desespero. E' o nosso Marinetti, não ha duvida alguma. O nosso Felippe Taddeo.

Mas quasi nada tenho a articular contra essa prodigiosa vocação tribunicia. De um anno para cá, Graça Aranha segue os meus gestos com uma passividade heroica. Tendo eu pregado o cubismo, afim de levar um pouco de emoção á gelatina dos officios no Brasil, elle tornou-se cubista a serio e fez aquelle discurso de Corça, que por pouco punha metralhadores no revoltado arceopago sul-americano. Depois, como eu cresse a minha poesia «Pau Brasil», revertendo em favor da nacionalidade nascente os beneficios da renovação mundial das letras e das artes, elle o enveredado no terreno jacobino das reivindicções brasileiras. Ah!, fingindo ignorar o meu manifesto, amplamente divulgado em Março, pelo «Correio da Manhã», ampliou-o e commentou-o.

Esqueceu-se nessas brilhantes occasões de que podia dizer algum bem de Portugal.

Ninguém trabalha mais francamente do que eu pela libertação nacionalista da lingua brasileira e da arte brasileira. Nas minhas campanhas, não me tenho privado de afirmar, mesmo em Lisboa, quanto nos tem sido nefasta, a prisão do falar brasileiro nos moldes lusitanos. Referi-me em entrevista dada ao «Diario de Lisboa» em 1923, ao strazo occasionado á evolução de nossa lingua propria pelo inutil purismo do Conselheiro Ruy Barbosa. Nossa lingua está tomando caracter tão particular e independente, quanto o inglex falado na America, já o disse Paulo Prado. Os

nossos escriptores têm um dever-fixar essa evolução no sentido da sua pura liberdade.

Isso não me impede de ver e admirar os bons exemplos que nos fornece Portugal.

Dois grandes gerações successivas já tiveram representantes portuguezes á altura das mais altas responsabilidades creadas — refiro-me ao movimento symbolista e ao movimento actual. Eugenio de Castro combateu lado a lado com Morsas e Regnier, Antonio Nobre e outros seguiram-n'o, amquanto no Brasil, a coudelaria parnasiana afinava a lyra manca pela barulhada espectral dos poetas do 80 annos atraz. Isso constituiu apenas uma vergonha para a nossa historia litteraria. Vergonha que melhor resaja o valor da pesquisa portugueza.

Actualmente, se Portugal nos atulha ainda do dictionarios caducos e regras inviaveis de syntaxe e prosodia, manda-nos também a jovialidade combativa de você, meu valente Antonio Ferro. Porque, creia-me, a sua conferencia — «A idade do jazz-band», realizada nas principais cidades do Brazil, abriu lá um respirador por onde entraram os barulhos desasticiados da nova Europa, tão necessarios á alma dos nossos dias esportivos e — oh ironia! — tão americanos.

A sua estadia entre nós dou apoio á attitudo iniciada pelos modernistas de São Paulo, perante os voluteis letrados da capital. Sem você, mesmo com todos os remorsos estheticos do individual Graça Aranha, estaríamos mais atrezados.

Outra lição contemporanea que Portugal nos indica (sem contar a de Amadeu de Souza Cardoso na pintura) é a que eu chamarei de «phenomeno Aquilino». De facto, reparou V. como Aquilino Ribeiro, sem desconfiar de nada, é um moder-

TEATRO NOVO
PALACIO DO TIVOLI
INAUGURAÇÃO: BREVEMENTE

nista da melhor vanguarda? Eis um caso opposto ao de Graça Aranha (este nome, cantando espalharei por toda a parte). Enquanto Graça é um tijolo academico e mais nada, querendo á viva força figurar numa exposição de motores, Aquilino é um motor que se esconde entre pedras, as pedras da sua serra.

Uma das bases da renovação actualista é, sem duvida, o trabalho sobre o material — esquecido pela importancia anecdotica dos assumptos — a volta ao officio, trabalho pela parlaspatico esthetica. Ora! pouca gente na litteratura actual, tem mais pujante e vivo o prazer de trabalhar sobre o material — que para o escriptor é a lingua — do que o autor saboroso e novo de «Terras do Demo» e «Via Sinuosa».

A formosa reacção que você produz, desarticulando a sua linguagem, dando-lhe molas imprevistas, fazendo-a agir como um scrobata cinematico, produzindo efferos desconhecidos de simultaneismo, de dynamismo — elle a completa no duro labor de bater, plasmar e deformar encantadoramente a sua expressão millionaria.

Portugal deve-lhes muito e o Brasil seguramente mais que a Graça Aranha.

Resumo para terminar:

- Qual a mentalidade mais forte do seu pais?
- Paulo Prado.
- Qual a corrente ahí victoriosa nas artes e nas letras?
- A minha.
- Os melhores talentos...
- Os meus amigos.
- Os homens horribes do seu pais?
- Os meus inimigos, com o Sr. Coelho Netto á frente.
- O peor critico do mundo?
- Chama-se Osorio Duque Estrada. Felismente ninguem o conhece.
- Vem V. a Lisboa fazer uma conferencia?
- Irei fazer uma conferencia ou duas.
- Sobre?
- Espirito e forma de Paris.

Disponha do OSWALD DE ANDRADE



Retrato do esculptor Francisco Franco aos dois annos de idade
que seu pai Henrique Franco

A Criação da Geração Nova

1 — O conceito de geração

A vida profunda de uma raça em oração espiritual nunca pára, e sem interrupções bruscas que raramente se dão, sem mudanças repentinas, é difícil definir e classificar as gerações que se sucedem. Épocas de transição todas o são, no constante movimento interior que anima as civilizações. Mas há na verdade agrupamentos em volta de ideias fundamentais e sentimentos opostos, ou consequentes, que permitem classificar as gerações. E dentro das suas actividades, pela energia e capacidade da realização e pela dose de génio realizador, algumas gerações se destacam com uma obra definitiva. Conviene-se por isso chamar gerações de transição àquelas que pela lenta acumulação de qualidades preparam a geração genial.

E não há nisto um erro ou uma injustiça, visto que a civilização desde o seu início tem sido dominada por três ou quatro grandes gerações criadoras. Tão lenta é a formação do génio, e tão difícil à natureza fraca, que os séculos se passam na preparação desses momentos esplendoresos e que nós mesmo, infantilmente, assim definimos — o século de Pérciles, o século de Octaviano, o século de quinhentos...

E' em relação a esta ideia do movimento das gerações para um século de esplendor humano, em que uma nova civilização se define, para depois dominar o mundo durante séculos, — que o conceito de geração pode ser encontrado.

Uma geração não é o agrupamento de pessoas de equivalente idade. E', na sucessão e movimento para um fim instintivamente buscado, o agrupamento de valores em volta de uma ideia fundamental dessa evolução.

A evolução faz-se por sucessivos predomínios de uma ideia ou de um sentimento fundamental que serve de eixo a um agrupamento de pessoas e ideias e sentimentos — isto é a uma geração. E as gerações do esplendor pelo mesmo motivo e do mesmo modo se agrupam em torno do eixo profundo que é a alma nacional lentamente criada pelas sucessivas gerações.

Com este critério se explica também o fenómeno das épocas dispersivas que não constituem uma geração o apenas, com valores isolados, tornam possíveis pela sua actividade procuradora os futuros movimentos conjuntos. São épocas em que a evolução hesita entre muitos caminhos, entre influências várias e as mais variadas tendências pessoais. São épocas em que por falta de um animador poderoso, chefe mental incontestado, ou de uma ideia aparente e clara, muitos valores se perdem no isolamento e na fraqueza de uma obra individual desligada das sugestões necessárias da sua época.

A geração que devia ter sido constituída em Portugal com os primeiros esforços da reacção nacionalista nunca chegou a constituir-se. E serve bem de exemplo a sua actividade dispersa, diminuída pela dispersão e só muito tarde torçadamente agrupada, para definir as fases dispersas das evoluções espirituais.

O conceito de geração é uma ideia consciente que devemos conhecer e procurar antes de nos agruparmos. Se aqui a discutio é para explicar em que, como e porque, a geração de hoje pode e deve constituir uma geração. Não hastam afinidades de tempo ou de simpatia.

O critério de geração como agrupamento de valores independentes em torno de um eixo ideal e sentimental comum, servirá para definir como a evolução e a nossa vontade devem criar uma geração consciente de si e da sua obra em Portugal, após uma tão longa evolução feita para a preparar.

2 — O génio nacional.

E, antes de mais nada, é preciso afirmar que a obra humana nada vale senão como elemento constitutivo e componente de um génio nacional. A vida da humanidade faz-se por meio dos organismos Nações, que podem mudar de sentido social, de principio aglutinador das forças que as compõem, mas nunca desaparecem.

Só por intermédio desses grupos sociais a actividade humana se transforma n'uma civilização, com a disciplina, a liberdade, o génio que a caracteriza. E só com estas civilizações-nacionais pela sua complementação, e mútua influencia, só pela sua luta e embate a humanidade continúa a sua marcha. Não há homem de génio que possa criar fora do seu ambiente nacional, fora da evolução própria a sua civilização nacional. E aqueles homens que se expatriam, tentados por outra civilização, mais brilhante no momento em que vivem, são aniquilados pela fatalidade do conflito entre as ideias interiores e o ambiente em que tem de desenvolver-se.

Ninguém pode criar fora do destino que a sua raça, o seu génio nacional lhe traçou. Por isso aqueles povos que são apenas momentâneas e meras combinações da política, como a Bélgica, simples provincia da França, não podem isolar-se da civilização a fim, como, no caso citado, Verhaeren, Maeterlinck, Rodenbach, Eekhoud, da civilização francesa.

Mas, assim como as nações inconsistentes se aniquilam numa outra civilização, assim fatalmente, apesar de todas as traições, as nações rezes vivem obrigadas a realizar uma finalidade própria, uma muito própria civilização.

Portugal é, mais do que uma nação, o centro activo de civilização de um conjunto de nações.

Aqui se formou lentamente o caracter especial de civilização, o espirito novo, a alma lusitana, a tradição de alma, que hade aproveitar ao Brasil e a Portugal, as nações que se formarem amanhã em Africa, e por extensão natural as republicas Hispano-Americanas e até a Península Iberica toda.

Uma civilização tem sempre um centro onde as circunstancias tradicionais e o esforço de um dado momento colocaram o eixo da sua criação. Todos os grupos nacionais que pertencem a esta civilização nela colaboram mas em torno do espirito iniciador de um deles. Toda a Italia colabora nos dois renascimentos mas em torno de Florença como eixo mais consciente. Toda a Grecia cria e espalha a grande civilização helena mas em torno de Atenas como eixo e iniciadora.

Portugal parece indicado, pela sua tradição espiritual, pela sua própria historia de acção, pela actividade renovadora que desde Anthero nos impelle, e pela novidade e profundidade de que a nova criação está hoje animada, Portugal está certamente indicado pelas forças das raças ibericas para ser o eixo da nova civilização.

Esta consciencia, ainda mais do que o dever de não faltar ao principio do nacionalidade, nos deve iluminar sempre e

agora sobretudo quando pretendemos com a geração nova fazer, enfim, a obra realizadora ha tanto esperada.

O génio nacional é para nós mais do que um patrimonio a zelar, é o meio de realizarmos a obra de criação, a obra de esplendor que a um mundo europeu fará succeder um mundo iberico que é civilização europea em decadencia sobreporá uma civilização iberica nova, forte, original.

O génio português é para nós o meio de sermos universaes.

O internacionalismo, ou qualquer forma de transigencia com o enfraquecimento da acção é um crime contra as possibilidades da nova criação. E para nós ser internacional é ser anti-universal. Porque devemos alcançar um novo universalismo pela criação do novo génio nacional, do génio lusitana. (que este nome em honra de Camões lhe fique para sempre) do génio lusitana comum a todos os povos ibericos e aqui mais concentrado, mais isolado, mais experimentado pela dor, mais prestes a iniciar a grande criação.

Para agruparmos em geração precisamos da consciencia absoluta de obra imensa a realizar e a que não podemos fugir. Criar dentro do génio nacional um novo universalismo — a civilização iberica, o espirito lusitana.

3 — O génio nacional é completo.

Ao falar de génio nacional entendemos, porem, uma característica fundamental da alma humana, um espirito completo, mas caracterizado, pela diferença do seu conjunto, de outros conjuntos alheios. Um génio nacional tem sempre uma actividade completa. Isto quer dizer que repudiámos em absoluto as categorias, em que uma critica, interessante mas falha como a de Moniz Barreto, pretendeu separar as actividades nacionais.

A alma oriental, a alma helénica, a alma germanica, e hoje a alma lusitana, são expressões que significam actividades completas, diferenciadas na síntese, no conjunto, no produto de sua actividade sempre multipla que é uma civilização. As teorias de Moniz Barreto sobre a caracterização das almas nacionais, não representam mais do que um jogo intelectual com as ideias, sem fundamento, nem estudo, nem verdade.



JOÃO DE CASTRO

Uma alma nacional só existe quando é capaz de todas as actividades, misturando-se embora em graus diferentes e diferindo sempre na sua síntese. Na verdade até ao momento de perfeita eclosão e esplendor o génio nacional vai manifestando, conforme as épocas e as suas condições, ora uma ou outra qualidade. Mas no momento da perfeita realização das suas capacidades é completa a sua actividade. O génio nacional realisa todas as actividades espirituaes marcando-as com a sua característica, com a diferença o a novidade do seu génio. Assim toda a alma nacional tem a sua interpretação da tragedia; do teatro; e portanto a sua visão da realidade; a sua capacidade de ilusão; o seu poder lirico; e exaltação epopica; e espirito religioso e metafisico.

Não pode uma civilização basear-se só no pensamento lirico ou só no pensamento racional, ou no metafisico. Um génio nacional para triunfar na sua criação e realizar uma civilização, tem uma actividade complexa e completa. De resto todas as nações tendem para isso desde que tenham em si principios do vida forte. E ou um génio nacional é completo, ou lentamente desaparece e se integra noutra civilização.

O erro de Moniz Barreto foi particularmente prejudicial á formação de uma civilização iberica e em especial á actividade portuguesa que se empenha na formação da alma lusitana.

A outros puzes já consuetos da sua civilização não diminuiu ele — para mais esprevidado em português — negando-lha a complexidade necessaria. Mas a Portugal, no momento de extrema sensibilidade em que inicia a sua criação, esse erro de critica foi das mais perniciosas influencias que temos soffrido. Mais perniciosas ainda porque ninguém se apercebeu directamente dela.

Moniz Barreto não era um occidental; era uma alta intelligencia mas descurada, desnationalizada pela mistificação com sangue oriental.

Ou por isto, ou por excessiva sugestão á cultura do momento estrangeiro não viu com clareza o novo problema, num momento em que ele já tinha despertado pela actividade dos *Discípulos de Coimbra* e dos seus discípulos.

Importa agora afirmar que a geração nova a formar-se, como fatalmente succederá, tem que formar-se na opposição categorica das afirmações de Moniz Barreto. A geração nova tem que formar-se com a afirmação da nova actividade do génio nacional complexo e completo. A geração nova tem

(Continúa na 2.ª columna da página 6.)

ÉCOS



A teimasia dos velhos, em Portugal, teimasia cabeçuda e valunguta de quem não está para se ralar, forçou os novos, novos pelo Espirito e pela certidão da idade, a criarem o preconceito desagradavel daquela juventude que se conta pelos anos de existência... E que, realmente, em Portugal, devido a uma coincidência estranha, os tempos extremaram-se deessa forma: dum lado os velhos de intelligencia bolorenta, do outro os novos a respirar saúde em horizontes largos... Nós sabemos muito bem que a Alma é inimiga do corpo, que é muito possivel encontrar velhos de vinte anos e novos centenários... Pirandello, aos sessenta anos, virou o teatro do avesso e conseguiu pô-lo novo, Bernard Shaw, perto dos setenta, escreveu essa imprevisita e singular «Santa Jôana». Erick Satie, o grande músico, aos sessenta e tantos, colabora com o turbulento Picabia no bailado «Relâche» e entra, no palco, de autoveiuel, para agradecer os ovações do publico. Max Jacob, o rapaz de «Filibuth» e de «Corvet à Dés», tem cincoenta anos. Bakst, o grande illuminador da nossa época, morreu aos quarenta e tantos. Picasso, o autor do cubismo, deve aproximarse, a passos largos, dos cincoenta. Leger, Brancusi, Lhoté, Stravinsky, Cursi Marinetti, Georges Kaiser e tantos outros legionarios do novo perderam de vista, há muito tempo, os trinta anos... Graça Aranha, no Brasil, apesar da carta espirituosissima que o grande e querido Oswald me dirigiu, é um exemplo da mocidade que não abdicou dos seus direitos, que se estrinchira no coração e proclama, de lá, os seus direitos... Ao mesmo tempo, lá fora, nos países que marcham, já passou de moda, há muito tempo, esta frase infeliz: «O senhor é muito novo...». Quando, por acaso, alguém o diz não é com a intenção de diminuir sua vida com a intenção de exaltar... Ser novo e não ter preconceitos, é compreender a época em que se vive, é ser descobridor... A frase, de rato, em França, na Italia, na Alemanha, na Inglaterra, em quasi toda a parte, applica-se, indifferente, a rapazes de vinte anos ou a rapazes de cincoenta...

Igualmente, em todo o mundo literario civilizado, a Arte não é, e nunca foi, unilateral... Para se alcançar a alvardi de escritor não é necessario ter por esta ou por aquela cartilha: basta possuir uma individualidade.

Em Portugal não é assim: os escritores graves, os produtores «chrios de responsabilidades» que se arruam dentro duma escola literaria como os livros nas prateleiras duma biblioteca, olham, com uma fúria e estulta superioridade, para os fulcra, para os novos, para todos esses insignificantes que não tomam a literaturia a serio e a quem a literaturia não pode tomar a serio... Em Portugal não seria possivel a gloria dum Marcel Proust, dum Max Jacob, dum Apollinaire, dum Cocteau, dum Li Sreus... Entidades, bagatelas... Para se ter direito a ser alhuo, com respeito, é preciso escrever um volume de quatrocentos paginas a investigar qualquer assunto que não nos interesse ou então não publicar livro nenhum e ser discipulo, nas columnas de qualquer revista supri-fensa do Pinhuro Maluco.

Criar, inocular, imaginar — é um crime em Portugal. O que se atrevesa a cometer esse crime são condenados pelos gruppellos e maçonarias literarias, a um destino perpetuo... Os que estiverem commoço, os que estiverem dentro da «Contemporanea», não têm que apresentar uma certidão de idade, não que possuir a corcova para couster o crime, para merecer o honorissimo desdenho...

ANTÓNIO FERRO

A nova direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa esta-beleceu, para a sua gerência, uma orientação que cabe perfeitamente dentro daquela que presidiu á questão dos novos. Felicitamos, por isso, calorosamente os novos directores, alguns dos quais têm prestado valiosos serviços á nova geração. Referimo-nos a Julião Quintinha, Artur Portela e Jaime Brasil.

NOTICIARAM os jornais de 7 de Fevereiro último que a Sociedade Nacional de Belas Artes, em reunião da véspera, presidida pelo inevitavel Senhor Adães Bormideus, se occupou da reorganização do ensino de Belas Artes, ouvindo e encarregando do seu estudo os sócios Cesar Barreiros, entalhador, e Afonso Branco, funcionario de finanças.

Este primeiro folguedo carnavalesco foi seguido de uma conferencia humoristica pelo scio Tertuliano Marques, architecto, em sabado gordo, e bailes de máscaras nesse dia e na segunda-feira de Carnaval.

CONSTA-NOS que está requerida uma reunião da Assembleia Geral de S. N. B. A. para se occupar de injustas tabelas applicadas aos expositores do Salão de Outono.

COUBE á *Contemporanea* annunciar em Portugal um Salão de Outono, isto é, um salão de Arte moderna em que o critério de selecção seja, ao contrario dos salões officiaes, a audacia, a personalidade, o modernismo, a revolta contra as formas consagradas, não por principio, mas por expansão da energia pessoal.

A doçura prolongada de José Pacheco não a deixou levar a efeito esta bela ideia.

Felizmente, Eduardo Vianna foi alguém capaz de a retomar e de a levar a efeito. Por isso, e pelo seu justo triumpho, merece Eduardo Vianna todo o nosso louvor e aplauso.

EM virtude de a tipografia encomendada pela *Contemporanea* não ter chegado a tempo e da doença prolongada do seu director, o architecto Sr. José Pacheco, não tem podido sair o numero especial da revista dedicado a Camões. A *Contemporanea* sai brevemente completamente remodelada, fixando a data do seu aparecimento mensal.

A QUESTÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



No *Seculo da Noite* da 4 de Setembro de 1921, sob o título de *Os Saneos da Geração Nova. A conquista da Sociedade Nacional de Belas Artes*, publicou-se, com a forma de entrevista, o relato de uma conversa suppreendida num café de Lisboa, entre varios artistas moços. Revelava o jornalista que perto de com propostas de novos sócios tinham sido apresentadas na Sociedade Nacional de Belas Artes, os quais pretendiam transformar a velha agremiação. Queriam afundar a fazer alguma coisa, porque a Sociedade, tal como estava, apenas com uma exposição anual, não correspondia ao seu fim. Era preciso trabalhar, acabar com a penosa rivalidade entre novos e velhos. Vamos todos de peito bem aberto, não levamos ideias premeditadas contra ninguém. Queremos apenas trabalhar para que se faça arte em Portugal — disse um dos entrevistados. E continuou: — O nosso programa é fazer arte. Avançar as exposições, organizar festas, bailes, chás, concertos, representações, onde o publico (um publico selecto, está bom de ver) veja ainda aquilo que é necessário, aquilo de que todos nós sentimos a necessidade urgente, — uma consunção vasta ampla de ideal! Primeiro de que tudo tenhamos propoz à Assembleia Geral novas fontes de receita, e a medida que o orçamento for aumentando, temos effectivado o nosso programa, que vai desde a realização de grandes bailes ao ar livre, à organização das jogos olimpicos unicevnicos. Fazer arte em todas as suas manifestações é o nosso programa.

Com tão simples palavras, e tão francos e abertos propósitos, se iniciou uma das mais violentas, das mais longas e das mais tristes questões que têm absorvido as atenções do publico, nos últimos anos. A questão da *Belas Artes*, a questão dos novos, foi uma prova definitiva da incompatibilidade entre a honestidade dos novos e a senilidade dos outros, daquelles que oficialmente pretendem representar uma vida que asfixiam. Propositadamente transcrevemos as palavras que traduziram o início da louvavel attitude que gerou o conflito, querendo provar serenamente, decorridos cerca de quatro annos, quanto eram razoaveis os nossos intentos, não temos mais que copiar os ruzimtos e relatar os actos porque uns e outros testemunharam o seu modo de acção. Vamos, pois, reconstituir, na sua rigorosa successão, os acontecimentos.

Os novos pretendem legitimamente ingressar numa instituição de utilidade pública, protegida pelo Estado

A S. N. B. A., aprovada, por alvará de 16 de Março de 1901, reconhecida como instituição de utilidade pública por carta de lei de 29 de Junho de 1911, é a sucessora de três grupos: a *Sociedade Protectora de Belas Artes em Portugal*, fundada em 1861, o *Grupo da Leão*, fundado em 1880 e o *Grécio Artístico*, fundado em 1890. Pelos seus salões, e pela actividade e renome dos seus antigos dirigentes, representava todo o período de intenso trabalho do ultimo quartel do século XIX e do começo do século. Justo era, portanto, que os moços artistas, antes de desdramatisarem uma bandeira propria a antes de procurarem isolados um ambiente para as suas constatações, se dirigissem à instituição, de utilidade pública, expressamente destinada a iniciativas semelhantes, para que ella lhes desse o devido acolhimento.

Não havia, no plano de lei, nem malevolência, nem menadprezo. As suas attitudes foram sempre claras, publicas e annunciadas. Em vez de procurarem o ingresso disfarçado e lento, preferiram a entrada em massa, como correspondendo a um fim que se não devia occultar. E assim, nos termos regulamentares, os Srs. José Pacheco, Celestino Soares, Leitão de Barros e Rui Vaz, sócios da Sociedade, subscriveram as propostas de admisión dos seus amigos, os quais eram inicialmente cerca de cem, mas que, decorridos poucos meses — à data em que a Sociedade, pela violência, por termo ao incidente — já atingiam o número de cento e oitenta.

Foram essas propostas entregues, e o plano de trabalhos que os novos defendiam foi tornado publico, por meio de entrevistas e artigos de jornal, em que se explicavam e defendiam as opiniões expressas na entrevista acima citada (*).

Os directores da Sociedade iniciam uma campanha de descrédito contra os novos

Começou a constar que a Direcção da S. N. B. A., a quem, nos termos dos Estatutos, se impedia pronunciar-se sobre o admisión dos novos sócios, se alarmara com o ingresso em massa de artistas moços e via nesse acto, não os propósitos confessados, mas a intenção oculta de assaltar a Sociedade, expulsando os seus corpos dirigentes e perturbando as facies e estereos iniciativas dos seus seniores.

A Direcção demittiu-se, com esse pretexto, não se pronunciou.

Em uma entrevista dada à *Epoca*, em 13-9-21, o escultor Francisco Santos declarou: — Que a Direcção estava desorientada por motivos independentes do movimento dos novos e que estes seriam acolhidos abertamente. Acrescentando que a sociedade não estava, como elle supunha, de seu lado, porquanto a Direcção a que presidia tinha de lei muito as mesmas intenções.

Mas a sua entrevista, cheia de um forçado humorismo que estava muito longe das maneiras habituais do entrevistado, revelava, como os factos provaram, muito oposta opinião.

Pessoalmente, declarou a Direcção aos proponentes que o caso — contra todas as regras — seria submetido à apreciação da Assembleia Geral. E logo arranjou apatiguados que começaram uma campanha contra os novos e contra os seus orientadores.

Surgiu em 16-9-21, na *Imprensa da Manhã*, com uma carta, o Sr. Diniz, que defendia uma doutrina extranha, pois protestava contra a irreverência que se procura cometer, preterindo os direitos dos velhos e gloriosos artistas portuguezes. Mais do que

irreverência, um crime. Dizia ainda que a Sociedade representava uma classe e que «quem dela (classe) não fizer parte, nos seus interesses não tem, não pode ter, interferencia». E concluiu: — «Ser sócio da S. N. B. A. é uma honra e honras não se concedem aos contos». Estavam abertas as hostilidades. A sinceridade e a intelligencia respondia-se com a mentira e com a deturpação.

A Sociedade não era privativa dos artistas, não tinha o caracter duma associação de classe. O proprio escultor Francisco Santos o declarou, na citada entrevista da *Epoca* (13-9-21), nos seguintes termos: — «Nós, que contamos entre os quatrocentos sócios da Sociedade cerca de quarenta artistas e inúmeros escritores de estação. Isto é, o defensor da classe ignorava que essa classe correspondia apenas à decima parte dos sócios; ignorava que aonde estavam escritores, médicos, advogados, comerciantes, empregados publicos, proprietários e, até, firmas comerciais, podiam estar outros novos, das mesmas profissões; ignorava que com novos sócios, em relação a quatrocentos sócios antigos, representavam apenas a quinta parte do total com que ficaria a Sociedade; ignorava que esse quinto não podia legalmente prejudicar os quatro quintos restantes; ignorava que se porventura elles um dia tivessem maioria nas votações era porque o seu grupo era activo e presente, tendo portanto toda a força razoavel e proporcional a sua comparticipação na vida social; ignorava mesmo que os novos não pretendiam assaltar e que, dos velhos e gloriosos fundadores do Grupo do Leão, aquelles que ainda viviam, estavam abertamente com os novos, como se verificou. E como ignorava tudo, não percebia nada e queria um pretexto para tentar sair do anonimato — que logo o retomou — chamava um crime aquilo que era acto benemérito, generoso e forte. Começava a caluniar, começava a mentir, começava o propósito de iludir a realidade, procurando convencer a opinião pública de que os novos queriam irreverentemente expulsar os velhos artistas de posições conquistadas com merito e trabalho — como se os certames annuaes da Sociedade e a sua absoluta indifferença pela vida das belas artes não constituíssem, muito ao contrario do que faziam crer, uma prova de irreversivel incompetência.

O papel do director Simão de Almeida, Sobrinho

Um desconhecido rompera o Dgo. Logo um inconsiderado sócio-director, o Sr. Simões de Almeida, Sobrinho, deu em 28-9-21 uma entrevista para a *Epoca*, em cujos termos grosseiros — bom dolo — afirmava que toda a obra dos novos, que para a Sociedade queriam entrar (com excepção da de Eduardo Viana) não era mais do que «uma imbecillidade pagada, para não dizer pior...»

Quem eram os propositos? Francisco Smith, o pintor que por três vezes expusera individualmente na Galeria D'Avembez, e merecera criticas favoraveis a Henry Batalha e a Pierre Morier; Ernesto do Canto, o escultor discípulo de Julio António e de Bordaile, que vendera todos os trabalhos que expusera na Suíça, em Paris e em Madrid e merecera a uma revista americana um numero especial sobre a sua obra; o pintor Manuel Jardim, que expusera no Salon de 1911; o maestro Rui Coelho, já então consagrado em Berlim e Paris, com criticas do Vincent d'Indy, Paul Dukas e Ravel; o architecto Italo Lino; o escritor Alfredo Cortez; Alameda Negreiros; o escultor Francisco Franco; o poeta Alberto de Monsaraz então director de *A Mensagem*; o escultor Diogo de Macedo, que expusera com successo em Portugal, na França e na Espanha; o escritor António Ferro, então director da *Ins-tregra Portugueza*; o poeta Lebre e Lima, Secretário da Embaixada no Rio de Janeiro; o escritor Veiga Simões, então Ministro em Viena de Austria, que a propria Sociedade, que o regeitava, se viu obrigada a proclamar seu sócio honorario, pela protecção dispensada à Belas Artes quando Ministro dos Negocios Estrangeiros; o professor Alexandre Rey Colaço;

a actriz Amelia Rey Colaço; ao todo com nomes conhecidos e respeitadas, de pessoas sobre quem se não podia lançar a minima suspeição.

E quem era o Sr. Simões Sobrinho? Dir-se-ia, pelo seu falar arrogante o livro, que se tratava de um artista de renome e impoluto. Não temos necessidade de recordar aqui as fontes da inspiração desse escultor (?). No entanto, se este passo sugerir objecções, provaremos até aonde poderemos levar a nossa documentada opinião.

Uma solução conciliatória que propuzemos e foi rejeitada por conselho de Adães Bermudez

A questão trazida assim por elles para o campo pessoal — um que nós nunca a collocáramos e de que sempre, com excepcional espirito de tolerancia, a procuramos afastar, veio irritar os amigos dos empresarios das Belas Artes e originou a vergonhosa successão dos acontecimentos.

Procuramos ainda demover a Direcção. Alvitramos-lhe o seguinte:

- 1.ª — A Direcção votava immediatamente a admisión dos sócios propostos, os quais, nos termos do art.º 12.º dos Estatutos, só, decorridos 12 meses, podiam ser considerados em plena effectividade, não incluindo portanto nos corpos gerentes senão na gerência de 1923;
- 2.ª — Estes sócios organizariam dentro da sede da Sociedade, nos termos regulamentares, um grupo que executasse o seu programa, sem prejuizo dos certames normais, nem de quaisquer outras iniciativas da Direcção.

Esta proposta significava de maneira clara que os novos se dispunham a acceitar rigorosamente o *statu quo ante* da Sociedade e apenas desejavam utilizar-se das suas salas para exposições, festas e conferências, sem o pagamento da taxa que se lança sobre estrangeiros, aproveitando o beneficio concedido aos sócios; e que, em troca, traziam para a Sociedade uma importante receita ordinaria — a das cotas dos propositos — e as vantagens financeiras da sua actividade.

Pois a Direcção, constituída pelos Srs. Francisco Santos, Presidente, Bemvidos Reis, Tesoureiro, Severo Portela, Bibliotecario e seus respectivos Secretários e Vogais, declarou mais uma vez que não se pronunciava sobre a proposta e levava a admisión dos novos candidatos à Assembleia Geral — porque tal era o arguto conselho do lúcido e diligente inspirador e baluarte da reacção da Sociedade, o Senhor Adães Bermudez.

Como nos apresentámos à Assembleia Geral

Foi convocada a Assembleia Geral para o dia 12 de Outubro de 1921. Não reuniu por falta de número; os sócios da Sociedade, na sua grande maioria, desinteressaram-se do caso — não davam o seu apoio à Direcção, nem ao Sr. Adães Bermudez. Os proponentes dos novos dirigiram a todos os sócios da S. N. B. A., a seguinte circular:

Ex.º Sr.:

Pelo Sr. Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Nacional de Belas Artes, foi convocada para o dia 12 de corrente uma reunião em que se devia ter apreciado a attitude da Direcção em falta de mais de cem propositos de novos sócios que nós tivemos a honra de apresentar.

Não houve numero e ficou essa reunião transferida para a proxima quarta-feira, 18, pelas 21 horas, na sede da Sociedade.

Como descreto já é do conhecimento de V. Ex.ª a questão que se vai debater, dispensamo-nos de insinuar na sua importância para a vida da Sociedade e até para a boa harmonia dos artistas portuguezes, novos e velhos.

Ao propormos a entrada dos novos sócios confiamos na boa fé daquelles que, como nós, já pertenciam à Sociedade de Belas Artes; e porque d'elles e só d'elles, depende a solução deste caso, o ainda porque muito nos interessa conhecer a opinião e voto de V. Ex.ª, tomamos a liberdade de lhe pedir que assista à reunião convocada.

Lisboa, 15 de Outubro de 1921.

(Ass.) José Pacheco, Leitão de Barros e Celestino Soares

Por intermédio dos jornais publicou-se idéntico convite (*Cl. Seculo da Noite*, de 18-10-21). Podiamos ter procedido com mais clareza e com maior lealdade? Havia o desejo de assaltar os de fazer pressões sobre quem quer que fosse? Tivham porventura inflado na nossa orientação os disturbios a que se entregavam preconcebidamente os circunspectos representantes da Sociedade?

Esta segunda sessão não se realizou por causa do movimento revolucionario desse dia, 19 de Outubro. Como estivesse, durante longo periodo, a cidade em estado de sítio o



COLUMBANO — O GRUPO DO "LEÃO".

Bilberto Cavilhas, Manuel Henrique Paulo, João Vaz, José Mallada, Alberto de Oliveira, Silva Pinto, António Bonalilha, Graciano Martins, Manuel Garcia, Calisto de Gouveia, G.ª Assis, Brás Martins, Rafael B. F. Pinheiro, José Rodrigues Vieira

Quando recebo um volume de Espanha, advinho logo ser de Ramón Gómez de la Serna, porque la Serna publica livros todos os dias!

Ramón edita todos os dias e todos os dias envia livros para os seus camaradas de todas as partes do mundo.

Responde a todas as cartas e todas elas terminam com a mesma frase, evadida de sonho: *comaraderia nel Arte*.

Ramón é o grande lactador das palavras.

Nunca, em outra literatura, appareceu um tipo de literato que fizesse com as palavras tantos malabarismos. Na sua vasta obra, mais de cincoenta volumes, as palavras amontoam-se, caminham; vencem, atordoam-se — um e ruaval de frases que é difficil emitir ou pretender reproduzir. E' vertiginoso.

Um livro de Ramón, só um, tem mais frases que a obra completa de qualquer escriptor moderno.

Domina as palavras. E' o maior domador de frases que conheço! São milhares e milhares que se amontoam em cima do papel. Os seus livros são avalanches.

Ramón é um humorista, um humorista requintado, Jifronte de todos os humoristas latinos.

E' um humorista transcendente. Não se pôde catalogar E' preciso senti-lo.

Na sua obra o alegre e o grotesco misturam-se, confundem-se, acompanham-se.

Ha nela o humorismo das coisas que elo anima, dá vida, torna diferentes e desenha com um grande requinte de sensibilidade.

Cada um dos seus dedos é um clown, que elo faz viver no grande e imenso circo da vida.

Querem uma amostra! Olhem-no: o peize mais difficil de pescar é o sêdo...



RAMON GOMEZ DE LA SERNA

Tem um grande carinho pelos cafés, porque nos cafés existem as unicas associações em que o homem é igual ao homem, livre de todos os preconceitos, de todos os dogmatismos e oligarquias. As grandes cidades veem-se melhor atravez dos seus cafés.

Silhuetado o perfil raro de escriptor, estudemos a sua obra.

Os seus primeiros livros são folhas soltas, cartazes, gritos, alaridos que espantam os ultimos escriptores do novecentos.

Os meios literarios, os academicos, os cafés, desequilibram-se, caem em si.

Originam uma revolução e o nome do escriptor é pronunciado com medo e inquietação. Os jornaes guilhotinam-o com os seus ataques.

E' o precursor dos dadaistas e ultraistas.

E' o precursor do modernismo. Marinetti dedica-lhe o manifesto a Espanha, quando a Espanha não contava literariamente na Europa.

Estamos em 1904. As suas folhas intitulam-se, *Entrando en fuego*. Produzem o efeito dum incendio.

Já em 1904, quando *Paradiso* delirava com os lugares communs do romantismo pigra, a Espanha, é preciso não esquecer-lo, possuia o revolucionario *Entrando en fuego*...

Calculem voçes, que estão habituados a ler nalgumas gazetas de Lisboa, ainda hoje, ataques aos modernistas, o que teria sido o aparecimento de Ramón em Espanha.

Todos o mordem. Muitos dos seus amigos intimos recusam-lhe a mão. E' considerado na roda dos escriptores

pecatos e roucoiros, um louco — um louco perigoso que pretende transformar dum salto a literatura folhetinesca do século passado...

Seguem *Morbideces* (1907), *El libro nudo*, *Tipicos*, *El teatro en soledad*. São livros que têm m is gestos que ideias, mais gritos que frases. Revolucionam e somem-se.

Atormentam, aligem, são cartazes berrantes, saltos de morte, em que o escriptor é um clown.

O artista encarrega-se da sua propaganda. Oferece-os, envia-os para a Europa. Os modernistas surgem e pegam-no a ele, imitam-no. Os seus livros são sementes.

Tem uma lucra gigantesca, porque os jornaes apogados a velhas e tradicionais formulas não lhe annunciam os livros. Adormecem sobre as mesas das redações. Ha quem os não abra, receosa de encontrarem dentro das suas paginas bombas de dinamite.

Ramón, abre a floresta virgem do romantismo, a golpes de machado.

Depois mais livros...

Estudio del desnudo, em que firma o seu nome e obriga os criticos espanhòes, entre ellos *Rafael Caninos Assens*, a aplaudi-lo e a vigia-lo.

Os jornaes que o combatem pedem-lhe colaboração para que os seus leitores se divertam com o louco, para que riem.

Caninos Assens escreve:

Os invito a que leais de nuevo estas admirables paginas.

E' um livro formidavel. Nenhum escriptor, habituado á forma, seria capaz de o escrever ou sentir.

Ramón Gómez de la Serna, exgota o nú. As suas mãos de artista tallam paginas duma beleza tão grande, que os outros, são obrigados a senti-lo, a vê-lo. Pobras miopes.

A partir deste livro que o consagra, Ramón, apesar de reobida sempre com desconfiança, é considerado um escriptor. Os editores jornaes e pagam-lhe as obras. O publico compra. Os jornaes, penitenciando-se, publicam-lhe o retrato.

E' o seu primeiro triumpho. Os cenáculos abrem-lhe as portas.

Seguem-se, *Senos*, *El Circo*, *Greguerias*, *Maestrario*, o livro de que o escriptor mais gosta.

Entravistado por um jornalista, comenta a sua entrada violenta nas letras.

— Sofri muito. Quando comecei a escrever, travei luctas atrozes, sanguinolentas. Os escriptores daquello tempo lançaram sobre mim o odio do publico. Fecharam-me todas as portas. Insultaram-me anonimamente. Caluniaram-me. Alcançaram-me do doído.

Depois plagiaram-me e porque tinham todos os jornaes pelo seu lado e eu só podia publicar uma vez por ano, a lucta foi gigantesca. O publico poderis imaginar que era eu quem os imitava e isso fazia-me sofrer horrivelmente!...

Felizmente... *José Ortega y Gasset*, um dos poucos homens de valor intrinseco que existe em Espanha é uma das glorias da Europa, consagra-o e escreve:

Gómez de la Serna é uno de los pocos escriptores jóvenes a quienes se debe saludar con el sombrero en la mano.

O triumpho. Dahi por diante, o escriptor, podia tirar os piores livros ao mercado, representar os mais horriveis dramas, assignar os mais estupidos artigos, entrar na real Academia, que tudo era igual.

Ortega y Gasset e *Azorin*, dois dos escriptores mais queridos da Espanha, tinham-lhe aberto o caminho da gloria, dando-lhe plena liberdade de acção, consagrando os seus livros.

O escriptor tinha obtido o meio do triumpho definitivamente; ser lido.

As *Greguerias*, descobrem em Ramón, o filoso individualista, o humorista transcendente.

Gómez de la Serna, que nas *Morbideces* se retrata um escriptor dissolvente, aristocratico e anarquista, aliado a *Sterns* e a *Nietzsche*, que conhece e sente toda a tragédia da vida e que proclama que de toda a actual literatura espanhola só ficaria algumas paginas de *Azorin*, regressa neste seu livro e annuncia a grandeza do cahos.

Igual a *Pío Baroja* e *Azorin*, inicia a sua carreira combatendo a literatura e reduzindo o século XIX a um monturo de cinzas.

Ramón Gómez de la Serna, lembra *Unamuno*, o gran *D. Miguel*, que foi e é um apaixonado cultor do paradoxo. Os seus primeiros livros, ficam distantes, o humorista subjuiga o nihilista literario.

Segue-se o periodo criador.

El labirinto, *La utopia* são dois documentos dessa epoca.

Em 1915 faz nova edição das *Greguerias*, livro sintese, notavel pela diversidade de estilo — o que melhor define a nossa epoca, violenta, movimentada, cinematografica.

Este livro marca a mais forte expressão do impressionismo.

Uma *gregueria* é um palco, passa nella toda a vida. Os dramas reduzem-se a manchas; os grandus movimentos da alma a simples traços. Duram um minuto em cada labio — um segundo em cada cerebro.

Defenir a gregueria! Sim.

Uma palavra e um gesto, breve e rapido, entro a vida e a morte.

A *Gregueria* é o instante. A nenhum outro escriptor conhecido fica melhor aquella frase lapidar, aquella frase sintese do primeiro escriptor modernista portuguez, que a morte colou, *Mario de Sá Carneiro* — o fixador de instantes.

E' um afixador de cartazes! Sim. Mas acima do tudo, o fixador de instantes!

Seguem-se mais livros, *El doctor inverosímil*, *La ciudad Blanca y Negra*, *Pomba*, *El Alba*, *Ezhumacion de Oscar Wilde*, *El chalet de las Rosas*, *La mulicra de las acacias*, *Cinelandia*.

La ciudad Blanca y Negra, oferece-lhe Paris... Neste momento, *Gómez de la Serna*, traducido em francez, atravessa todos os paizes latinos.



VAZQUEZ DIAS — Atravessado para um quadro

Bolachas Nacional

**A GRANDE
MARCA
PORTUGUÊSA**



**A GRANDE MARCA
DE
AUTOMOVEIS
FIAT**

Representante
para Portugal e Colonias:
**SOCIEDADE
COMERCIAL
LUSO-AMERICANA**

145, RUA DA PRATA, 145
LISBOA



**SÃO PORTUGUESES
OS CHOCOLATES
DA
FABRICA
SUISSA**